

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -
CÂMPUS CERES
BACHARELADO EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO**

MARIA EDUARDA DE SÁ

**REFÊNS DO *FEED* INFINITO:
ALGORITMO, DISTORÇÃO DA TEMPORALIDADE E SAÚDE MENTAL**

**CERES - GO
2024**

MARIA EDUARDA DE SÁ

**REFÊNS DO *FEED* INFINITO:
ALGORITMO, DISTORÇÃO DA TEMPORALIDADE E SAÚDE MENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Sistemas de Informação do Instituto Federal Goiano - Câmpus Ceres, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Sistemas de Informação.

Orientador: Me. Danillo Freire Pacheco

Coorientador: Me. Lucas Gabriel Feliciano Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

S111r

Sá, Maria Eduarda de.

Refêns do *feed* infinito: algoritmo, distorção da temporalidade e saúde mental [manuscrito] / Maria Eduarda de Sá. – Ceres, GO: IF Goiano, 2024.
61 fls. : il., tabs.

Orientador: Prof. MSc. Danillo Freire Pacheco.

Co-orientador: Prof. MSc. Lucas Gabriel Feliciano Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sistemas de Informação) – Instituto Federal Goiano, Campus Ceres, 2024.

1. Algoritmo. 2. Feed Infinito. 3. Instagram. 4. Redes Sociais. 5. TikTok.
I. Pacheco, Danillo Freire. II. Costa, Lucas Gabriel Feliciano. III. Título.
IV. Instituto Federal Goiano.

CDU 004.5+316.5



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Ao(s) 11 dia(s) do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, realizou-se a defesa de Trabalho de Curso do(a) acadêmico(a) Maria Eduarda de Sá, do Curso de Bacharelado em Sistemas de Informação, matrícula 2021103202030122, cujo título é "Reféns do Feed Infinito: Algoritmo, Distorção da Temporalidade e Saúde Mental". A defesa iniciou-se às 16 horas e 05 minutos, finalizando-se às 17 horas e 20 minutos. A banca examinadora considerou o trabalho **APROVADO** com média 9,6 no trabalho escrito, média 9 no trabalho oral, apresentando assim média aritmética final de **9,3** pontos, estando o(a) estudante **APTO** para fins de conclusão do Trabalho de Curso.

Após atender às considerações da banca e respeitando o prazo disposto em calendário acadêmico, o(a) estudante deverá fazer a submissão da versão corrigida em formato digital (.pdf) no Repositório Institucional do IF Goiano – RIIF, acompanhado do Termo Ciência e Autorização Eletrônico (TCAE), devidamente assinado pelo autor e orientador.

Os integrantes da banca examinadora assinam a presente.

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Me. Danillo Freire Pacheco

Orientador

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Me. Lucas Gabriel Feliciano Costa

Coorientador

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Me. Róitier Campos Gonçalves

Membro

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Dr. Wilson Soares de Siqueira

Membro

Documento assinado eletronicamente por:

- **Danillo Freire Pacheco, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 11/12/2024 17:26:55.
- **Lucas Gabriel Feliciano Costa, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 11/12/2024 17:28:19.
- **Róitier Campos Gonçalves, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 11/12/2024 17:29:56.
- **Vilson Soares de Siqueira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 11/12/2024 18:37:38.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 11/12/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 660947
Código de Autenticação: bd861341b3



INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Campus Ceres

Rodovia GO-154, Km 03, SN, Zona Rural, CERES / GO, CEP 76300-000

(62) 3307-7100



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

Tese Artigo Científico
 Dissertação Capítulo de Livro
 Monografia – Especialização Livro
 TCC - Curso Técnico/Graduação Trabalho Apresentado em Evento
 Produto Técnico e Educacional - Tipo:

Nome Completo do Autor: Maria Eduarda de Sá

Matrícula: 2021103202030122

Título do Trabalho: **Reféns do Feed Infinito: Algoritmo, Distorção da Temporalidade e Saúde Mental**

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano:

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumprir quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Ceres, 12 de dezembro de 2024.

Assinatura eletrônica do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Assinatura eletrônica do orientador

Documento assinado eletronicamente por:

- **Danillo Freire Pacheco, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 12/12/2024 15:13:39.
- **Lucas Gabriel Feliciano Costa, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 12/12/2024 15:19:13.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 12/12/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 661528
Código de Autenticação: e7894085b2



INSTITUTO FEDERAL GOIANO
Campus Ceres
Rodovia GO-154, Km 03, SN, Zona Rural, CERES / GO, CEP 76300-000
(62) 3307-7100

RESUMO

Nos últimos anos, as plataformas digitais tornaram-se elementos essenciais da vida cotidiana, exercendo influência sobre nossas interações sociais, percepções e identidades. O uso excessivo de telas emergiu como uma pauta para discussão na sociedade contemporânea. Sob esta óptica, o objeto de análise é o “algoritmo de feed infinito”, em destaque as redes sociais: *Instagram* e *TikTok*. Desse modo, a problemática que guia a presente pesquisa é: como os algoritmos de feed infinito estão moldando nossa sociedade, afetando nossa percepção da realidade e influenciando nosso comportamento de maneiras complexas e muitas vezes não totalmente compreendidas? A metodologia utilizada é a hermenêutica de Jörn Rüsen, visando uma crítica e análise circular no referencial teórico analisado. Para tanto, o trabalho é dividido em três partes. Na primeira, objetiva-se a contextualização sócio-histórica das redes sociais supracitadas. Na segunda parte, a definição e funcionalidade do algoritmo para capturar a atenção dos indivíduos. Na terceira parte, analisamos o *design* e as funcionalidades das redes sociais. Por fim, a pesquisa propõe uma reflexão multidisciplinar e o papel das redes sociais, conectando áreas de Sistemas de Informação com História e Psicologia para compreensão e impacto dos fenômenos digitais na sociedade.

Palavras-chave: Algoritmo; *Feed Infinito*; *Instagram*; Redes Sociais; *TikTok*.

ABSTRACT

In recent years, digital platforms have become essential elements of everyday life, exerting influence on our social interactions, perceptions, and identities. The excessive use of screens has emerged as a topic of discussion in contemporary society. Under this perspective, the object of analysis is the "infinite feed algorithm", with a focus on social networks: Instagram and TikTok. In this way, the problem that guides this research is: how are infinite feed algorithms shaping our society, affecting our perception of reality and influencing our behavior in complex and often not fully understood ways? The methodology used is Jörn Rüsen's hermeneutics, aiming for a circular critique and analysis within the theoretical framework analyzed. To this end, the work is divided into three parts. i), the aim is to provide a socio-historical contextualization of the aforementioned social networks. ii), the definition and functionality of the algorithm to capture individuals' attention. iii), we analyze the design and functionalities of social networks. Finally, the research proposes a multidisciplinary reflection and the role of social networks, connecting areas of Information Systems with History and Psychology for understanding and impact of digital phenomena on society.

Keywords: Algorithm; Infinite Feed; Instagram; Social Networks; TikTok.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira foto postada no Instagram.....	25
Figura 2 - Feed Principal (Instagram).....	42
Figura 3 - Função Stories (Instagram).....	43
Figura 4 - Funções de Pesquisar e Explorar (Instagram).....	44
Figura 5 - Função Reels (Instagram).....	45
Figura 6 - Função “Para Você” (TikTok).....	47
Figura 7 - Função “Seguindo” (TikTok).....	48
Figura 8 - Função “Explorar” (TikTok).....	49
Figura 9 - Função “Pesquisar” (TikTok).....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - CONCEITUALIZANDO AS REDES SOCIAIS.....	18
1.1 Redes Sociais na Internet.....	18
1.2 Elementos das Redes Sociais na Internet.....	21
1.3 Redes Sociais.....	24
<i>1.3.1 Instagram.....</i>	<i>24</i>
<i>1.3.2 TikTok.....</i>	<i>27</i>
CAPÍTULO 2 - ASPECTOS TÉCNICOS DAS REDES SOCIAIS ANALISADAS.....	31
2.1 Definição de Algoritmo.....	31
2.2 Funcionalidade do Feed Infinito.....	33
CAPÍTULO 3 - RELAÇÕES ENTRE ASPECTOS TÉCNICOS E SOCIAIS.....	36
3.1 Aceleração do conteúdo e dilatação do tempo de uso.....	36
3.2 Personalização do conteúdo.....	38
<i>3.2.1 Estrutura e Funcionalidades da interface do Instagram.....</i>	<i>41</i>
<i>3.2.2 Análise das Funcionalidades e Interface do TikTok.....</i>	<i>46</i>
3.3 Superconexão: a vida on-line em tempo integral.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as plataformas digitais tornaram-se elementos essenciais da vida cotidiana, exercendo influência sobre nossas interações sociais, percepções e identidades. O uso excessivo de telas emergiu como uma pauta para discussão na sociedade contemporânea. Em particular, a análise das estratégias empregadas pelos algoritmos para manter seus usuários engajados, por exemplo, no *TikTok* e *Instagram*. Estas redes sociais surgiram como poderosas ferramentas para cativar a atenção dos usuários, ao oferecer um conteúdo altamente personalizado que reflete seus interesses, aspirações e ideais individuais. Seja em momentos de lazer ou trabalhos, são várias horas dedicadas às telas. Contudo, a influência desses algoritmos transcende a mera customização de conteúdo, adentrando o âmbito do comportamento humano, desencadeando uma série de preocupações de ordem psicológica e social. Este estudo visa investigar o impacto dos algoritmos na sociedade contemporânea, analisando de que forma a apresentação de informações condensadas e altamente personalizadas corroboram para o desenvolvimento da ansiedade, imediatismo e a procrastinação entre os usuários. Para a análise, foram escolhidas as plataformas TikTok e Instagram, por serem as mais utilizadas atualmente.

Muitas pessoas se questionam se apresentam sintomas de Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção (PHDA), manifestados pela dificuldade em manter o foco e concluir tarefas que, após vida *online*, parecem tediosas e monótonas. No entanto, a crescente fragmentação da atenção e a perda do tédio profundo e do descanso são elementos essenciais para a criatividade e uma atenção contemplativa (Han, 2015). Destaca como o excesso de estímulos digitais está transformando radicalmente a estrutura da atenção humana, substituindo-a por uma forma de hiperatenção que compromete a profundidade do engajamento, impedindo que as pessoas se envolvam de forma significativa com experiências mais prolongadas e reflexivas. Como resultado, a capacidade de concentrar-se em uma única tarefa ou em uma atividade por um período prolongado está sendo gradualmente deteriorada, afetando não apenas a criatividade e a atenção contemplativa, mas também a qualidade de interações e experiências cotidianas. O reconhecimento desses padrões é o primeiro passo para uma relação mais equilibrada com a tecnologia.

O filósofo Byung-Chul Han (2018) alerta para os perigos dessa relação com as imagens digitais. Ao buscar constantemente a idealização retratada nas imagens, arrisca-se perder contato com a realidade e tornar-se cada vez mais distante dela. Isso pode levar a uma

espécie de “síndrome de Paris” (Han, 2018), onde a diferença entre a idealização e a realidade pode causar distúrbios psicológicos. Este fenômeno se torna especialmente preocupante ao considerarmos a influência dos algoritmos, que perpetuam a exposição constante a essas idealizações. Essa dinâmica exacerbada pelos algoritmos resulta em impactos negativos na fragmentação da atenção e na perda de uma forma mais contemplativa e criativa de engajamento com o mundo ao nosso redor, contribuindo para uma crescente desconexão com a realidade.

O uso generalizado de algoritmos de *feed* infinito em plataformas digitais levanta questões urgentes sobre os efeitos psicológicos e comportamentais dessas tecnologias. Embora projetados para cativar a atenção dos usuários e fornecer uma experiência altamente personalizada, esses algoritmos podem estar contribuindo para uma série de consequências negativas. Esse trabalho sugere que a constante exposição a esses algoritmos está moldando nossa percepção da realidade.

Pesquisas exploram o impacto das mídias sociais, especialmente o *TikTok*, no comportamento e na saúde mental dos usuários. Enquanto alguns estudos se concentram no *design* multimodal e nos algoritmos das plataformas, destacando como estes moldam as interações dos usuários e promovem um engajamento contínuo, por outro lado, outros investigam a formação de hábitos e possíveis padrões de vício nas interfaces digitais. Em *O TikTok como Experiência Formadora de Hábito*, de Breitenbach (2021), aborda a influência das interfaces digitais, em particular o aplicativo *TikTok*, no comportamento dos usuários e como moldam as interações na era da tecnologia móvel. Destacando como as interfaces têm um papel significativo na sociedade contemporânea, mediando ações entre o mundo físico e o digital.

Breitenbach examinou em detalhes o modelo de formação de hábito conhecido como *Hooked Model*, desenvolvido por Nir Eyal, e aplicou esse *framework* analítico à plataforma *TikTok*. Destaca como o *TikTok* utiliza gatilhos externos e internos, recompensas variáveis e investimentos para manter os usuários engajados e desenvolver hábitos de uso na rede social. O autor argumenta que o *design* das interfaces digitais é projetado para atrair e reter a atenção dos usuários, muitas vezes levando uso excessivo e a dependência dessas plataformas. Sugere que as notificações e os ciclos de interação do *Hooked Model* podem contribuir para esse vício, estimulando os usuários a retornarem à plataforma regularmente.

Além disso, há uma preocupação crescente com a temporalidade e a atenção dos usuários, com pesquisas indicando uma tendência para um consumo rápido e fragmentado de conteúdo, potencialmente prejudicial para a capacidade de concentração e reflexão. Esses

estudos também observaram uma relação entre o uso excessivo das redes sociais, incluindo o *TikTok*, e possíveis impactos negativos na saúde mental, como ansiedade e depressão. Em *O Impacto do Uso das Redes Sociais no Nível de Ansiedade*, Louise Gabrielle du Mont *et al.* (2022) analisa o impacto do uso das redes sociais, especificamente *TikTok*, *Instagram* e *Twitter*, nos níveis de ansiedade dos usuários. Ao longo do estudo, conduzido por um experimento com dois participantes, observou-se uma relação significativa entre o uso dessas plataformas e a ansiedade, embora os efeitos tenham variado entre os indivíduos. Enquanto um participante experimentou aumento da ansiedade com o uso das redes sociais, o outro relatou uma redução, sugerindo possíveis padrões de abstinência e vício. Destaca-se os malefícios do mau uso da internet, abordando uma ampla gama de consequências negativas para a saúde física e mental dos usuários. Esses problemas incluem desde alterações posturais e distúrbios do sono até transtornos de ansiedade e depressão. Estes efeitos podem ser resultados de um consumo excessivo de conteúdo, especialmente quando os vídeos são projetados para prender a atenção do espectador por períodos curtos e repetidos. Embora não seja abordado diretamente como um tema específico, o artigo sugere a possibilidade de que o vício em vídeos curtos possa contribuir para os problemas gerais de saúde mental associados ao uso das redes sociais.

A metodologia adotada para execução da pesquisa é a hermenêutica, uma vez que “a pesquisa reconstrói processos temporais”, sendo “a representação de continuidade, determinante para a constituição narrativa de sentido, é obtida mediante a pesquisa dos fatos culturais, nos quais as mudanças temporais do passado se cristalizam na linguagem dos atores e seus interlocutores” (Rüsen, 2010, p. 116). Para tanto, como o intuito é analisar o feed infinito e o impacto na saúde mental e distorção da temporalidade dos indivíduos, é necessária a articulação do surgimento das redes sociais e esse boom que modificou a relação do usuário com o espaço-tempo, reconstruindo processos temporais.

Jörn Rüsen em *Reconstrução do Passado* (2010), apresenta as operações processuais para uma análise hermenêutica, enfatizando a integração de abordagens: i) heurísticas, ii) crítica e iii) interpretação. Estas características compõem uma matriz interpretativa que relaciona as áreas epistêmicas, haja vista que a presente pesquisa relaciona a área de Sistemas de Informação com os saberes da História e Psicologia.

Mormente, a heurística, ou capacidade de desenvolver estratégias para resolver problemas históricos, é fundamental para orientar o trabalho do pesquisador na análise das fontes e na construção de narrativas coerentes. Implica não apenas na busca por informações, mas também na formulação de hipóteses e teorias que permitam explicar os eventos históricos

de maneira significativa. Destaca-se o surgimento das redes sociais com o feed infinito e o impacto nas sociedades. Nesse sentido, a heurística guia o processo de pesquisa, separando e selecionando fontes para análise.

A crítica, por sua vez, refere-se à análise crítica das fontes. O pesquisador deve examinar cuidadosamente as fontes disponíveis, levando em consideração o contexto em que foram produzidas, os possíveis interesses envolvidos e os vieses que podem influenciar sua interpretação. Essa abordagem requer uma avaliação rigorosa e crítica das fontes, a fim de garantir a precisão e a confiabilidade das conclusões históricas. Portanto, essa função desempenha um papel crucial na identificação e interpretação para promover o processo final, a narrativa.

Já a interpretação envolve questionar as fontes existentes, examinando de perto as suposições subjacentes e os pressupostos teóricos que orientam o trabalho do pesquisador. Isso inclui estar aberto ao debate e à revisão das conclusões, contribuindo para o avanço do conhecimento histórico e para uma compreensão mais profunda da relação entre passado e presente, fornecendo, assim, novas narrativas e debates acerca de um dado tema.

Desse modo, a presente pesquisa está dividida em três capítulos, a seguir. O primeiro capítulo apresenta uma análise das redes sociais *Instagram* e *TikTok*, suas histórias, características principais e impactos sociais e culturais. O *Instagram*, criado em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, inicialmente destacou-se pelo foco no compartilhamento de fotos e vídeos, diferenciando-se de plataformas como o *Facebook*. Após sua aquisição pelo *Facebook* em 2012, por 1 bilhão de dólares, a rede evoluiu, introduzindo funcionalidades como *Stories* e *Reels*, que ampliaram sua popularidade e permitiram competir com rivais como *Snapchat* e *TikTok*. Em 2023, lançou o *Threads*, voltado para conteúdo textual, e reforçou seu papel no comércio eletrônico. O seu *algoritmo*, personalizou a experiência dos usuários com base em preferências, potencializando seu impacto cultural. O *TikTok*, foi lançado em 2016 pela empresa chinesa *ByteDance* como *Douyin*, ganhando popularidade global após a fusão com o aplicativo *Musical.ly* em 2018. Seu foco em vídeos curtos, acompanhados de música, atraiu rapidamente um público jovem. O *TikTok* também utilizou um *algoritmo* para oferecer conteúdo personalizado, baseando-se em interações e preferências dos usuários, o que manteve altos níveis de engajamento. Ambas as plataformas moldaram significativamente o consumo de conteúdo na era digital, influenciando comportamentos, tendências culturais e a forma como indivíduos e marcas se conectam no ambiente virtual.

O segundo capítulo apresentou os aspectos técnicos das redes sociais, com foco no papel dos *algoritmos* e no funcionamento do *feed* infinito. O capítulo inicia-se com a

definição de *algoritmo* como uma sequência de instruções capaz de realizar tarefas específicas (Bhargava, 2017), destacando seu impacto nas plataformas digitais ao moldar comportamentos e percepções de realidade. Os *algoritmos*, segundo Pierre Lévy, promoveram a virtualização das relações sociais, criando novas dinâmicas de poder e controle, mas também fragmentando identidades e restringindo a diversidade de informações por meio de bolhas informativas, “a virtualização não é apenas um fenômeno tecnológico, mas uma transformação que atravessa todas as dimensões da vida humana, ressignificando as relações sociais” (Lévy, 2011, p. 44). Essa crítica foi complementada por Cathy O’Neil, que alertou para a opacidade dos *algoritmos* e sua capacidade de amplificar preconceitos históricos e perpetuar desigualdades, especialmente em sistemas preditivos aplicados a áreas sensíveis como a justiça criminal. O capítulo também aborda a funcionalidade do *feed* infinito, analisado por Tarleton Gillespie como um mecanismo central nas redes sociais que utiliza *algoritmos* para personalizar conteúdos e maximizar o engajamento dos usuários. Gillespie critica a falta de transparência desses sistemas, que influenciam as experiências digitais com base em interesses comerciais.

A personalização, ao priorizar padrões de inclusão e relevância baseados em dados individuais, modificou a percepção do tempo e promoveu a exposição limitada a conteúdos direcionados, afetando hábitos de consumo e comportamentos. Essa dinâmica pode causar sobrecarga cognitiva e desconexão da realidade, problemas diretamente relacionados à saúde mental e à busca por validação social. Ao longo do capítulo, destacou-se a necessidade de transparência e regulamentação no uso de *algoritmos* para mitigar seus efeitos negativos, garantindo equidade e justiça. A análise evidenciou como os *algoritmos*, embora indispensáveis na era digital, trazem desafios significativos ao moldar a percepção da realidade, influenciar comportamentos e perpetuar desigualdades estruturais.

O terceiro capítulo apresentou o impacto das redes sociais, especialmente o *TikTok* e o *Instagram*, na vida cotidiana dos usuários e suas implicações psicológicas. Focando na forma como essas plataformas funcionavam, suas interfaces e o modo como promoviam uma interação contínua e personalizada. O *TikTok*, por exemplo, utilizava uma série de telas, como “Para Você”, “Seguindo”, “Explorar” e “Pesquisar”, para oferecer uma experiência que visa manter o usuário engajado e motivado a consumir mais conteúdo, por meio de *algoritmos* que ajustavam as recomendações conforme os interesses e comportamentos dos usuários. O capítulo também aborda a superconexão, um estilo de vida caracterizado pela onipresença digital, onde os usuários estão constantemente conectados e expostos ao conteúdo gerado nas redes sociais. A análise foi apoiada em teorias de Byung-Chul Han e Pedro Colli Badino de

Souza Leite, que discutem como a hiperconectividade e a coleta massiva de dados afetam o comportamento e as relações sociais, além de gerar efeitos psicológicos como a ansiedade, a comparação social e a busca incessante por validação. Embora essas plataformas promovam a conexão, elas também funcionavam como instrumentos de vigilância, com impactos profundos na saúde mental dos usuários, que muitas vezes se viam imersos em uma realidade filtrada e idealizada. Em última instância, o capítulo demonstra que a tecnologia, ao promover a proximidade digital, acabava por distorcer a percepção do real, reforçando um ciclo vicioso de dependência das redes sociais.

Portanto, as pesquisas recentes revelam uma complexa interação entre o *design* das plataformas, os padrões de uso dos usuários e os efeitos cognitivos e emocionais associados ao seu uso. Esses estudos destacam a necessidade de uma abordagem crítica e consciente em relação ao uso dessas plataformas, enfatizando a importância de promover um uso saudável e responsável das tecnologias digitais.

CAPÍTULO 1 - CONCEITUALIZANDO AS REDES SOCIAIS

1.1 Redes Sociais na Internet

A *Internet* surgiu em 1969, através dos esforços dos Estados Unidos para desenvolver uma rede de comunicação resiliente a ataques nucleares, sob a coordenação da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA). Esse projeto inicial, conhecido como ARPANET, é considerado o embrião da Internet. Após sua criação, as redes sociais foram surgindo gradualmente, acompanhando a evolução da internet e das tecnologias de comunicação. Elas passaram a transformar significativamente a conectividade global, facilitar a formação de comunidades virtuais e impulsionar a disseminação de informações de maneira rápida e ampla. “A participação dos indivíduos, compartilhando interesses comuns através da internet, define essas redes, permitindo que os usuários expressem suas personalidades e se identifiquem com grupos específicos.” (Breitenbach, 2021, p. 19). Essa dinâmica de participação e expressão é central para a identidade dos usuários nas redes sociais, facilitando conexões com pessoas com interesses semelhantes. Esse nível de conectividade não só ajuda na criação de comunidades virtuais, mas também influencia como os usuários percebem a si mesmos e aos outros.

O ritmo acelerado com que as informações são compartilhadas nas redes sociais destaca um dos aspectos mais poderosos e, ao mesmo tempo, problemáticos dessas plataformas. A capacidade de disseminar conteúdos rapidamente tem transformado profundamente a maneira como consumimos e interagimos com as informações. O fluxo instantâneo de informação nas redes sociais é uma característica proeminente, com a viralidade, que se refere à rápida propagação de conteúdos, sendo uma evidência clara desse fenômeno (Breitenbach, 2021, p. 22).

A dinâmica das redes sociais virtuais¹ é marcada por sua constante evolução e adaptação. As redes sociais, tanto *online*² quanto *offline*³, são sistemas complexos e dinâmicos que estão sempre mudando. Estas mudanças são um reflexo da adaptação contínua às novas condições e desafios, evidenciando a capacidade das redes sociais de se ajustarem e

¹ Adjetivamos como “virtuais” estas redes sociais para enfatizar que estas são as redes de relações sociais e interação mediada pela tecnologia de *sites* e aplicativos. Consideramos importante reiterarmos a natureza restritiva da definição aqui utilizada para não confundirmos com o conceito sociológico homônimo de *rede social*, muito anterior à internet, cujo estudo não faz parte do escopo deste trabalho.

² Define-se “online” como “conectado direta ou remotamente a um computador e pronto para uso (diz-se de sistema, equipamento ou dispositivo)” (Oxford English Dictionary, 2024).

³ Define-se “offline” com “conexão a um computador associado” (Oxford English Dictionary, 2024).

evolúem. A *clusterização*⁴ é uma dinâmica importante, onde grupos podem tanto agregar mais membros quanto romper com partes do grupo existente. As redes sociais possuem indivíduos com um número significativamente maior de conexões, conhecidos como conectores, são um dos grandes responsáveis pela propagação de informações e na formação de tendências. A clusterização pode levar à formação de comunidades mais densas, enquanto a ruptura pode resultar em conflitos ou desagregação em grupos ou plataformas *online*.

A adaptação é uma característica dos sistemas sociais, refletida na capacidade das redes sociais de se reorganizarem para manter sua funcionalidade. A auto-organização ligada à *cibernética*, implica que a ordem surge do caos através da interação dos componentes do sistema, esses processos envolvem a criação de novas estruturas e comportamentos, resultando em uma contínua evolução das redes sociais.

Mesmo em ambientes mediados por computador, a necessidade de regras e estruturas de controle persistem, apesar da menor inibição proporcionada pela mediação digital, as comunidades virtuais ainda requerem regras para garantir uma interação organizada e controlada. A emergência, outra característica dos sistemas complexos, reflete o surgimento de padrões de comportamento que não são evidentes em uma escala menor. Redes sociais *online* frequentemente exibem comportamentos emergentes, como a propagação de memes e a formação de pequenos mundos, o que se popularizou chamar de “bolhas” ou “nichos”, que emerge da teoria dos grafos e da teoria de redes, que explora a estrutura e a conectividade dos sistemas sociais e das redes. Está intimamente ligado ao fenômeno conhecido como “seis graus de separação” que sugere que qualquer pessoa no mundo pode ser conectada a qualquer outra através de uma cadeia de no máximo seis contatos intermediários. Surgindo pela forma como os usuários utilizam as ferramentas disponíveis. Essas características evidenciam a adaptabilidade das redes sociais, mostrando a capacidade dos usuários de se moldar dentro desses ambientes dinâmicos.

Entender as dinâmicas e características das redes sociais, como a viralidade, clusterização, para contextualizar o surgimento das primeiras plataformas que moldaram a comunicação digital. Essas plataformas pioneiras surgiram em um momento de adaptação tecnológica e social, refletindo a necessidade das grandes corporações de criar conexões mais amplas e personalizadas entre os usuários. Redes como Orkut, Fotolog e MySpace não apenas introduziram novas formas de interação, mas também exemplificam como os conceitos de comunidade e expressão pessoal começaram a se manifestar no ambiente online, preparando o terreno para a complexidade e a inovação que caracterizam as redes sociais atuais.

⁴ Do inglês *cluster*: “‘grupo, aglomerado’, desenvolvida na década de 1960 pela IBM”. (Wikipédia, 2022).

A história das redes sociais é marcada por diversas plataformas pioneiras que moldaram a comunicação digital. O *Orkut*, criado por Orkut Buyukkokten enquanto ainda era aluno na Universidade de *Stanford* e funcionário do *Google*, foi um dos primeiros grandes sucessos de redes sociais. Lançado em janeiro de 2004, o *Orkut* rapidamente se tornou popular no Brasil e na Índia. O sistema começou com um modelo de convite exclusivo, que valorizava o acesso e aumentava a demanda por convites. Com o tempo, o *Orkut* permitiu a criação de perfis, comunidades e fóruns, oferecendo uma plataforma para a construção de redes sociais e compartilhamento de interesses comuns. Em 2007, o *Orkut* inovou ao abrir sua plataforma para o desenvolvimento de aplicativos através do sistema *Open Social*, revitalizando o seu uso e mantendo a sua relevância (Adami, 2019).

O *Fotolog*, criado em 2002 por Scott Heiferman e Adam Seifer, focava na publicação de fotografias acompanhadas de textos. Inicialmente popular entre os brasileiros, o *Fotolog* permitia aos usuários compartilhar imagens e interagir através de comentários. A plataforma oferecia dois tipos de contas: gratuita e *gold*. A versão gratuita tinha limitações como o número de fotos diárias e comentários, enquanto a versão *gold* oferecia mais funcionalidades e maior personalização, em 2019 o site foi desativado e saiu do ar.

O *Flickr*, lançado em 2004 pela *Ludicorp* e adquirido pelo *Yahoo*, em 2005, é um serviço de compartilhamento de fotos e vídeos. O *Flickr* permite a etiquetagem de imagens, organização por palavras-chave e interação através de comentários. A plataforma se destacou pela possibilidade de publicação de vídeos e pela construção de narrativas visuais, refletindo as necessidades de compartilhamento de mídias e a personalização das experiências dos usuários (Adami, 2019).

O *Facebook*, fundado por Mark Zuckerberg em 2004, começou como uma rede social voltada para estudantes universitários. Inicialmente restrito a *Harvard*, o *Facebook* se expandiu para outras instituições de ensino e, eventualmente, para o público geral. A plataforma se diferencia pela criação de perfis personalizados, integração de aplicativos e a possibilidade de conectar-se com uma vasta rede de contatos. O *Facebook* é uma das maiores redes sociais globais, com uma forte presença no Brasil e em outros países latino-americanos. (Adami, 2019).

Lançado em 2003, o *MySpace* surgiu como uma plataforma para construção de perfis, *blogs*, grupos e compartilhamento de mídias. Inspirado pelo *Friendster*, o *MySpace* se destacou pela alta personalização oferecida aos usuários, permitindo a criação de comunidades e perfis altamente customizáveis. A plataforma se tornou especialmente popular

entre músicos e bandas, que usaram o *MySpace* para divulgar seu trabalho e conectar-se com fãs (Adami, 2019).

O *Twitter*, criado em 2006 por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, é um serviço de *microblogging* que permite a postagem de mensagens curtas, conhecidas como *tweets*, com até 140 caracteres. A plataforma se caracteriza por seu formato de seguidores e seguidos, e pela possibilidade de enviar mensagens privadas e direcionadas. O *Twitter* também oferece uma *API* para o desenvolvimento de ferramentas e aplicativos, contribuindo para sua popularidade e inovação contínua (Adami, 2019). A plataforma foi recém-nomeada *X* pelo seu atual proprietário, Elon Musk.

O *Plurk*, lançado em maio de 2008, é um sistema de *microblogging* semelhante ao *Twitter*, mas com características distintas como uma linha do tempo horizontal e uma estrutura de conversas mais organizada. O *Plurk* também introduziu um sistema de karma, recompensando a participação dos usuários com pontos que permitem acesso a emoticons e personalização do perfil (Adami, 2019).

A evolução das redes sociais ao longo dos anos, desde as primeiras plataformas até as atuais, proporciona o contexto necessário para compreender como os algoritmos começaram a influenciar as conexões, interações e dinâmicas sociais.

1.2 Elementos das Redes Sociais na Internet

Na obra *Redes Sociais na Internet*, Raquel Recuero (2019) aborda sobre a natureza e o funcionamento das redes sociais, seus atores, conexões, interações, relações e laços sociais. Um ator pode ser qualquer indivíduo ou entidade que participa e contribui para a dinâmica da rede, como usuários, influenciadores ou marcas, pois “os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (Recuero, 2019, p. 25). A conexão seria os vínculos estabelecidos entre esses atores, mediando como eles interagem e compartilham informações.

A interação envolve as ações e comunicações diretas entre os atores, como uma mensagem ou até mesmo uma curtida, influenciando na forma como as conexões são fortalecidas ou alteradas, desse modo, “a interação seria a matéria-prima das relações e dos laços sociais” (Recuero, 2019, p. 30). A relação é um caráter mais duradouro e estruturado desses vínculos, variando entre intensidade e frequência. Os laços sociais englobam a qualidade e a profundidade dessas relações, que podem ser tanto fortes, com interações frequentes e significativas, quanto fracas, com contatos superficiais.

No *Instagram* e *TikTok*, existem vários tipos de atores, incluindo usuários comuns, influenciadores digitais, marcas, empresas e criadores de conteúdo, cada um com seus papéis específicos e diferentes níveis de influência e alcance dentro da rede. Usuários comuns são consumidores de conteúdo e também participam ativamente como produtores ao compartilhar momentos de suas vidas pessoais, interagem principalmente com familiares, colegas e amigos. Influenciadores digitais, por outro lado, são usuários que possuem um alto número de seguidores e utilizam essas plataformas para construir e manter uma presença *online* significativa, influenciando comportamentos, tendências e opiniões de outros usuários. Empresas utilizam essas plataformas para engajamento de *marketing*, criando conteúdos que promovam produtos e serviços e que, ao mesmo tempo, ressoem com seus públicos-alvo.

As conexões entre esses atores são construídas com base em diferentes tipos de interações, como curtidas, comentários, compartilhamentos e mensagens diretas, haja vista que “as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (Recuero, 2019, p. 30). Essas interações são direcionadas pelos algoritmos das plataformas, que priorizam conteúdos com alto potencial de engajamento, como vídeos curtos, publicações polêmicas ou postagens de amigos próximos, criando um ambiente altamente personalizado. Isso influencia diretamente a forma como os usuários consomem e interagem com o conteúdo, afetando também a qualidade de suas conexões sociais. Por exemplo, laços fortes geralmente surgem entre familiares ou amigos que trocam mensagens frequentes e compartilham experiências pessoais, enquanto laços mais fracos se formam entre indivíduos com interesses em comum, como seguidores de uma página sobre um tema específico, mas que interagem de maneira esporádica.

Uma das principais dinâmicas nessas plataformas é o funcionamento do *feed infinito*, uma característica presente tanto no *Instagram* quanto no *TikTok*. O *feed infinito* fornece uma experiência de rolagem contínua e ininterrupta, que pode criar uma sensação de fluxo interminável de conteúdo. Essa característica altera a percepção de tempo dos usuários, pois a ausência de uma postagem final influencia um consumo prolongado e inconsciente de conteúdo. Assim, os usuários continuam a rolar na expectativa de encontrar algo novo e de seu interesse, se encontram reféns em um ciclo de consumo contínuo de conteúdo, sem perceber o tempo que se passa. Essa estratégia pode se assemelhar à iluminação constante em shoppings, os quais são projetados dessa forma para criar uma sensação de atemporalidade⁵,

⁵ Para Agamben, a atemporalidade envolve a habilidade de enxergar o presente não como algo contínuo e acabado, mas como uma interrupção, uma quebra no fluxo do tempo. Ser contemporâneo é focar no que está obscurecido pelo brilho do momento atual, reconhecendo aquilo que normalmente não é visível. Isso implica

evitando que os visitantes percebam a passagem do tempo, com uma ausência de luz natural e referências externas, assim aumentando o tempo de permanência e o potencial de compras. Os algoritmos são os principais responsáveis por moldar as dinâmicas de interação, priorizando os conteúdos que são mais propensos a gerar curtidas, comentários, compartilhamentos e visualizações. No Instagram, por exemplo, o algoritmo tende a promover postagens que geram altos níveis de engajamento imediato, como fotos atraentes ou vídeos que capturam a atenção rapidamente. Isso cria uma pressão sobre os usuários, especialmente influenciadores e marcas, para criar conteúdos que sejam visualmente atraentes e que incentivem interações rápidas e positivas. No *TikTok*, o algoritmo se concentra em identificar conteúdos que têm potencial de viralização, promovendo vídeos que engajam os espectadores rapidamente e que são compartilhados com frequência. Essa ênfase em viralidade e engajamento constante cria uma meta de desafios e tendências que incentivam a participação coletiva, mas também pode criar uma grande pressão social para se enquadrar.

A busca por validação social é uma outra dinâmica importante nas interações dessas redes. As plataformas são construídas em torno de popularidade, com um grande foco em números, seja ele de curtidas, seguidores, visualizações e comentários, que funcionam como sinais públicos de validação e popularidade. No *Instagram*, a estética visual e apresentação pessoal são fatores dominantes, como a postagem de imagens altamente curadas ou *stories* que destacam aspectos idealizados e “perfeitos” de suas vidas. No *TikTok*, a dinâmica é um pouco diferente, com um foco em vídeos curtos e virais que frequentemente dependem de tendências, desafios e humor. Neste, o algoritmo também desempenha um papel crucial ao promover vídeos que têm potencial de se tornar virais, o que, por sua vez, incentiva os criadores de conteúdo a participarem de tendências populares para ganhar visibilidade. Essa estrutura incentiva os usuários a sempre buscar a aprovação de seus seguidores, ao postar conteúdo apenas para atrair curtidas ou seguir tendências em alta, sem refletir sobre sua própria identidade e autenticidade. Essa busca incessante por validação pode gerar sentimentos de ansiedade e diminuição da autoestima, principalmente quando os usuários se comparam com os padrões de perfeição frequentemente exibidos nas plataformas.

Há também na estrutura dessas redes sociais, as bolhas sociais,⁶ muito bem definidas pela ajuda dos algoritmos e feed infinito, onde os usuários visualizam repetidamente conteúdos que reforçam suas crenças e interesses, limitando a diversidade de perspectivas e

uma perspectiva crítica e afastada, onde o presente é entendido como um processo sempre inacabado e em constante transformação (Bezerra, 2019 *apud* Agamben, 2009).

⁶ “Bolha social é entendida como um grupo de pessoas que se unem por interesses semelhantes e acabam por excluir a participação de quem tem pensamentos contrários” (Dockhorn, 2019).

informações que eles têm acesso, levando a uma visão mais estreita do mundo e reforçando preconceitos e polarizações. Além disso, a natureza rápida e efêmera das interações no *TikTok*, por exemplo, pode incentivar uma cultura de consumo de conteúdo superficial, onde o foco é mais na quantidade do que na qualidade das interações sociais.

Por outro lado, no livro *Redes Sociais na Internet*, Raquel Recuero (2009) também destaca o potencial dessas plataformas para apoiar a manutenção de laços sociais tanto fortes quanto fracos, independentemente da distância geográfica. A comunicação mediada por TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) permite que os usuários mantenham contato com amigos e familiares distantes, bem como formem novos laços com indivíduos que compartilham interesses semelhantes. Embora as redes sociais possam parecer favorecer a formação de laços fracos, elas também são capazes de sustentar relações mais profundas e significativas, facilitando tanto interações *online* quanto encontros *offline*.

O *Instagram* e o *TikTok* são espaços complexos e dinâmicos onde múltiplos atores sociais interagem de maneiras que são influenciadas por algoritmos e pela busca de validação social. Essas interações são moldadas por *feeds infinitos* que alteram a percepção de tempo dos usuários, impactando a saúde mental. No entanto, essas plataformas também oferecem novas oportunidades para a formação e manutenção de laços sociais, tanto fortes quanto fracos, com uma dualidade na experiência digital.

Os elementos das redes sociais na Internet, como conexões, interações e laços sociais, estão diretamente presentes no funcionamento de plataformas como *Instagram* e *TikTok*, moldando suas dinâmicas e a forma como os usuários se relacionam. Ao analisar essas redes, é possível compreender como características específicas de cada uma, como os algoritmos e funcionalidades, impactam as interações sociais e influenciam a experiência digital.

1.3 Redes Sociais

1.3.1 Instagram

O *Instagram* é uma das redes sociais mais populares do mundo e, apesar de sua criação relativamente recente, em 2010, continua em ascensão. Fundada por Kevin Systrom e Mike Krieger nos Estados Unidos, a plataforma nasceu da experiência de Systrom em programação e design, unida à visão técnica de Krieger. A ideia surgiu durante uma viagem à praia, com o objetivo de aprimorar o compartilhamento de momentos *online*. Na época, outras redes sociais como *Twitter* e *Facebook* tinham um foco em postagens escritas, enquanto o

Instagram veio para “colorir” o mundo digital com imagens e vídeos. Sua sede está localizada em San Francisco, Califórnia (InvestNews, 2024).⁷

Inicialmente, o Instagram foi lançado com o nome *Burbn*, mas logo os criadores decidiram mudar para *Instagram* para refletir a essência da experiência do aplicativo. O termo *Instagram* resulta da fusão das palavras *instant* (instantâneo) e *telegram* (telegrama), destacando a natureza da plataforma como um espaço para compartilhar momentos. Seu slogan é, “Capture e compartilhe o mundo” (InvestNews, 2024) A primeira postagem no *Instagram* foi feita por Kevin Systrom em 16 de julho de 2010: uma simples foto de um cachorro da raça *golden retriever*, que ele encontrou em uma barraca de tacos no México a foto foi postada antes da rede social ser lançada com o intuito de testar as funcionalidade do aplicativo, com a legenda “*test*” em português “teste”, assim marcando o início de uma nova era digital (InvestNews, 2024).

Figura 1 - Primeira foto postada no Instagram



Fonte: Bastos (2024).

No Brasil, o *Instagram* chegou em 2012 e rapidamente conquistou os brasileiros, tornando-se o segundo país com o maior número de usuários, atrás apenas dos Estados Unidos. Sua plataforma tem uma interface simples, bonita e intuitiva. No entanto, o Instagram não se acomodou e constantemente trouxe novidades, como vídeos, *Stories*, *IGTV* (*Instagram*

⁷ INVESTNEWS. A rápida ascensão do Instagram a ‘indústria’ de cliques e celebridades. *Investnews*, 9 jan. 2024. Disponível em: <https://investnews.com.br/negocios/historia-do-instagram/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

TV), e um foco maior em *e-commerce*, elevando a plataforma a um novo patamar. Essa evolução proporcionou o surgimento dos influenciadores digitais, que enxergaram no Instagram uma oportunidade de crescimento e rendimentos financeiros como no *YouTube*.

O crescimento do *Instagram* foi tão impressionante que, em 2012, Mark Zuckerberg, dono e criador do *Facebook*, comprou a plataforma por um bilhão de dólares. A partir daí, as duas redes sociais se integraram, facilitando a interação entre os usuários de ambas. Em 2016, para competir com o sucesso do aplicativo *Snapchat*, que popularizou o compartilhamento de fotos com duração de 24 horas, o Instagram lançou os *Stories*, uma das funcionalidades mais usadas hoje em dia, com recursos como filtros, *boomerangs* e figurinhas para atrair a atenção dos usuários. Com o fenômeno do *TikTok*, logo o *Instagram* criou os *Reels*, focando em vídeos curtos. Mais recentemente, em 2023, a empresa lançou o *Threads*, uma plataforma voltada para conteúdos escritos, semelhante ao *Twitter* (novo *X*).

Mosseri afirma que “não tem um *algoritmo* único que define o que as pessoas veem ou não no app. Na verdade, utilizamos vários *algoritmos*, classificadores e processos, cada um com um propósito” (2023). Quando foi criado, a rede social apresentava um fluxo único de fotos em ordem cronológica. No entanto, com o crescimento exponencial do número de usuários e, conseqüentemente, do volume de conteúdo compartilhado, tornou-se difícil visualizar as publicações relevantes ou de amigos próximos. Para solucionar isso, o *Instagram* desenvolveu um *feed* que classifica as publicações com base no nível de interesse de cada usuário. “Cada parte do app (*Feed*, Explorar, *Reels*) possui o próprio *algoritmo* adaptado à maneira como cada pessoa a usa” (Mosseri, 2023). Essa segmentação algorítmica atende a diferentes objetivos, como manter o engajamento, facilitar descobertas ou promover vídeos curtos.

O *feed* é voltado para *posts* de pessoas mais próximas ao usuário e segue uma sequência de etapas. Primeiro, prioriza as publicações recentes das pessoas que o usuário segue, com exceção de anúncios. Em seguida, entram os “sinais”. Segundo Mosseri, “Várias coisas podem ser um sinal, como o horário em que uma publicação foi compartilhada, se você estava usando o celular ou a *web* e sua frequência de curtidas em vídeos” (Mosseri, 2023).

A ordem de prioridade segue alguns critérios: as informações sobre a publicação (local, curtidas, data); dados sobre a pessoa que publicou (como seu engajamento recente); a atividade do usuário (interesses demonstrados); e o histórico de interação com outras pessoas, como comentários. A partir desses sinais, o *algoritmo* faz previsões sobre quais publicações são mais propensas a despertar o interesse do usuário, levando em consideração cinco tipos de interação: tempo gasto na postagem, curtida, comentário, recompartilhamento e visita ao

perfil do autor. Além disso, postagens repetidas perdem relevância ao longo do tempo, enquanto eventos importantes, como eleições ou grandes competições esportivas, podem aumentar o alcance das publicações relacionadas. Se um usuário violar as diretrizes da comunidade, como colocar a segurança de alguém em risco ou compartilhar desinformação, o Instagram reduz a frequência com que o perfil desse autor aparece no *feed* (Mosseri, 2023).

O *Stories*, por sua vez, foca no compartilhamento de momentos cotidianos. Para determinar a ordem de visualização, o algoritmo considera o histórico de visualizações (com que frequência e em que quantidade um usuário vê os *Stories* de outro), o histórico de engajamento (curtidas ou mensagens) e a proximidade, como a probabilidade de o usuário ser um familiar.

Já a seção *Explorar* tem uma função diferente do *feed* e dos *Stories*, pois exibe publicações de usuários que o indivíduo não segue. Ao curtir uma foto específica, o *algoritmo* identifica outros usuários que também curtiram essa foto e sugere publicações relacionadas. Analisa sinais como curtidas, comentários e popularidade para recomendar conteúdo ao usuário. Se uma publicação for identificada como falsa ou ofensiva, as diretrizes de recomendação entram em ação para ocultá-la.

O *Reels*, possui um foco em conteúdos mais divertidos, mostra vídeos de pessoas que o usuário segue ou não. Os *Reels* apresentados ao usuário são selecionados com base em sinais semelhantes aos do *feed* e do *Explorar*. As diretrizes de recomendação também se aplicam para evitar a exibição de conteúdo prejudicial.

Quando um usuário viola as regras do *Instagram*, ele pode ser submetido a um *Shadowban*, sendo silenciado ou banido da plataforma. Para aumentar o controle sobre o que se vê no *Instagram*, os usuários podem definir amigos próximos, silenciar perfis irrelevantes e marcar publicações recomendadas como "não tenho interesse". Isso permite uma experiência mais personalizada da rede social (Mosseri, 2023; *InvestNews*, 2024).

1.3.2 TikTok

O *TikTok* se apresenta como “o principal destino para vídeos curtos no formato móvel, com a missão de inspirar criatividade e trazer alegria” (*TikTok*, 2024).⁸ A plataforma se consolidou nessa posição, tornando-se um fenômeno global. Inicialmente, a plataforma era voltada para vídeos de até 60 segundos, mas atualmente suporta conteúdos de até 10 minutos,

⁸ TIKTOK. Sobre o TikTok. **TikTok**. Disponível em: <https://www.tiktok.com/about?lang=pt-BR>. Acesso em: 20 set. 2024.

além de fotos, transmissões ao vivo e músicas de diversos artistas. Lançado em setembro de 2016 por Zhang Yiming, fundador da *ByteDance*, o *TikTok* começou com o nome de “Doujin” e foi desenvolvido em apenas 200 dias. Um ano após seu lançamento, já contava com 100 milhões de usuários e mais de 1 bilhão de visualizações diárias (Gogoni, 2019).

Em setembro de 2017, o aplicativo foi apresentado ao mercado internacional sob o nome *TikTok*. Sua ascensão global, no entanto, ocorreu em novembro de 2017, quando a *ByteDance* fundiu o *TikTok* com o *Musical.ly*, um aplicativo focado em dublagens e criação de vídeos, adquirido no ano anterior. A partir desse momento, o crescimento do *TikTok* foi exponencial. Em 2018, o aplicativo estava disponível em mais de 150 países e em 75 idiomas, tornando-se o app mais baixado na *Appstore* em 2019. Em 2021, o *TikTok* superou a marca de 1 bilhão de usuários ativos, tornando-se o primeiro aplicativo fora do *Meta Platforms* (proprietária do *Instagram* e *Facebook*) a alcançar mais de 3 bilhões de *downloads* (Gogoni, 2019).

O sucesso do *TikTok* é impulsionado por um algoritmo de inteligência artificial que recomenda conteúdos com base nas preferências dos usuários. Como destacado, “o algoritmo do *TikTok* aprende os interesses e preferências dos usuários em tempo real, quando eles interagem com um conteúdo. Isso permite que, em pouco tempo, um vídeo tenha sucesso imediato e espetacular, enquanto se criam estrelas midiáticas de forma muito rápida” (Antoñanzas, 2023). Diferentemente de outras redes sociais, como *Instagram* e *Facebook*, que priorizam conexões entre amigos e familiares, o *TikTok* apresenta uma página chamada “*For You*” (Para você). Essa seção exibe vídeos escolhidos algoritmicamente, alinhados aos interesses individuais, permitindo que o potencial de um vídeo se torne viral com base em compartilhamentos, curtidas e comentários, que funcionam como formas de validação social.

Apesar de seu sucesso global, o *TikTok* enfrentou críticas e polêmicas, relacionadas à privacidade e segurança dos dados. Em abril de 2024, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, sancionou uma lei que abre caminho para a proibição do aplicativo no país, com base em alegações de que a *ByteDance*, empresa controladora do *TikTok*, poderia compartilhar informações de usuários com o Partido Comunista Chinês. Essa acusação é sustentada por parlamentares que apontam para potenciais riscos à segurança nacional, principalmente devido ao grande volume de dados coletados pelo aplicativo e sua possível utilização estratégica. A *ByteDance*, por outro lado, refuta veementemente essas alegações, classificando-as como infundadas e motivadas por questões geopolíticas e econômicas. A empresa argumenta que tem investido fortemente em infraestrutura e políticas de proteção de dados.

A controvérsia persiste, uma vez que a legislação sancionada exige que o *TikTok* seja vendido a uma empresa não chinesa para que continue operando nos EUA, o que representa uma pressão significativa sobre a *ByteDance*. Esse episódio exemplifica não apenas as disputas em torno da soberania digital, mas também a crescente tensão entre China e Estados Unidos, onde plataformas tecnológicas se tornaram símbolos de poder econômico e cultural. Além disso, o resultado dessa situação poderá redefinir o mercado global de redes sociais, com implicações para usuários, criadores de conteúdo e o equilíbrio competitivo entre empresas como *TikTok* e *Meta Platforms* (ByteDance,2024; CanalTech 2024).

Para que o *TikTok* continue operando nos EUA, a *ByteDance* deve vender o aplicativo para uma empresa fora da China; caso contrário, o aplicativo poderá ser banido das lojas de aplicativos e servidores do país. Essa ação faz parte de um pacote de medidas de segurança nacional. O *TikTok*, por sua vez, afirma ter investido bilhões de dólares para garantir a segurança dos dados nos Estados Unidos. No entanto, a decisão sobre a proibição ainda está pendente, e uma nova eleição presidencial pode influenciar o desfecho dessa questão.

Se a proibição se concretizar, a *Meta Platforms*, concorrente direta do *TikTok*, seria a principal beneficiária. O Instagram, com seu recurso *Reels*, tem buscado atrair criadores de conteúdo do *TikTok* e, em caso de banimento, muitos usuários poderiam migrar para a plataforma. “Atualmente, o Brasil ocupa a terceira posição no *ranking* de países com mais contas na rede social, com 98,6 milhões de usuários ativos, conforme dados do DataReportal do início de 2024” (Correio do Povo, 2024).⁹ Essa possível proibição do TikTok apresenta um cenário estratégico no qual o Instagram, por meio do recurso Reels, poderia se consolidar como a principal alternativa para criadores e usuários afetados. Esse movimento poderia fortalecer ainda mais a posição da Meta Platforms no mercado de redes sociais, especialmente no Brasil.

Em resposta a esses desafios, o *TikTok* lançou sua própria plataforma de comércio eletrônico nos EUA e firmou um acordo com a *Amazon*, permitindo compras diretamente pelo aplicativo. Além disso, a empresa anunciou o Projeto *Texas*, que visa desenvolver uma versão autônoma do aplicativo hospedada em servidores da *Oracle* nos Estados Unidos (G1, 2024;¹⁰ Durães, 2024).

⁹CORREIO DO POVO. Brasil é o terceiro país com mais usuários ativos do TikTok no mundo. **Correio do Povo**, 28 abril. 2024. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/jornal-com-tecnologia/brasil-%C3%A9-o-terceiro-pa%C3%ADs-com-mais-usu%C3%A1rios-ativos-do-tiktok-no-mundo-veja-ranking-1.1488377>. Acesso em: 21 set. 2024.

¹⁰ G1. TikTok tenta nova estratégia para não ser banido nos EUA. **G1**, 16 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/08/16/tiktok-muda-estrategia-para-nao-ser-banido-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2024

A análise do *TikTok* demonstra como os algoritmos desempenham um papel central na experiência do usuário, moldando interações, promovendo conteúdos e impactando a visibilidade dos criadores. Essa dependência de algoritmos, entretanto, não é exclusiva do *TikTok* e está presente em praticamente todas as redes sociais contemporâneas. O capítulo seguinte aprofunda essa discussão, explorando os aspectos técnicos e as implicações culturais dos algoritmos em plataformas digitais, com foco em como essas ferramentas influenciam o comportamento dos usuários e a organização do conteúdo.

CAPÍTULO 2 - ASPECTOS TÉCNICOS DAS REDES SOCIAIS ANALISADAS

2.1 Definição de Algoritmo

O conceito de *algoritmo* refere-se à sequência de instruções capazes de realizar uma determinada tarefa (Bhargava, 2017). Em plataformas digitais, os *algoritmos* são responsáveis por organizar e apresentar conteúdo aos usuários com base em critérios como preferências e comportamento passado. Esses mecanismos são fundamentais para moldar e influenciar os comportamentos dos indivíduos nas redes sociais, levando em consideração fatores como influência social, conformidade e busca por validação. Observa Hissa, “os algoritmos que definem ao que podemos ter acesso (o que queremos ler, o que queremos comprar, o que queremos aprender, com quem queremos nos relacionar)” (Hissa, 2023, p. 18), estão moldando a sociedade, alterando a percepção da realidade e influenciando o comportamento das pessoas de maneiras complexas e muitas vezes não totalmente compreendidas.

A influência dos *algoritmos* na vida dos indivíduos pode ser entendida à luz da noção de virtualização, como discutido por Pierre Lévy em *O que é o Virtual?* (2011). A virtualização permeia a sociedade contemporânea, afetando não só a comunicação e a disseminação de informações, mas também as relações sociais, as identidades e o próprio funcionamento econômico. Para Lévy, “a virtualização não é apenas um fenômeno tecnológico, mas uma transformação que atravessa todas as dimensões da vida humana, ressignificando as relações sociais” (Lévy, 2011, p. 44). Isso permite compreender como os *algoritmos*, ao mediar interações, moldam a experiência dos indivíduos, deslocando essas relações para o ambiente digital e criando novas dinâmicas de poder e controle.

Lévy destaca que, à medida que as tecnologias digitais avançam, os indivíduos enfrentam um processo de fragmentação de suas identidades. Ele explica que essa transformação “leva os indivíduos a se sentirem nômades em suas próprias subjetividades, buscando sentido em um ambiente cada vez mais mediado por máquinas” (Lévy, 2011, p. 52). Esse sentimento de deslocamento é agravado pelos *algoritmos*, que filtram e priorizam conteúdos, reforçando as preferências já existentes e dificultando a exploração de novos horizontes. Como resultado, os *algoritmos* contribuem para a criação de bolhas informativas, que isolam os indivíduos em ambientes limitados, onde o acesso à diversidade de opiniões e informações se torna restrito.

Dentro desse cenário, a ideia de que os *algoritmos* refletem e amplificam valores humanos é essencial para compreender seu impacto. Lévy observa que “os algoritmos não são

neutros, mas produtos de escolhas culturais que moldam a maneira como processamos e compartilhamos informações” (Lévy, 2011, p. 90). Esse ponto destaca como os *algoritmos* podem ser usados tanto para ampliar a compreensão do mundo quanto para restringi-la, dependendo de como são projetados e aplicados. Essa visão crítica é fundamental para analisar de que maneira os *algoritmos* influenciam a percepção da realidade e o comportamento social.

A possibilidade de exclusão e desqualificação causada pelos *algoritmos* também é discutida por Lévy. Ele ressalta que “os sistemas que priorizam certos conteúdos podem silenciar vozes marginalizadas, perpetuando desigualdades sociais e culturais” (Lévy, 2011, p. 78). Esse impacto está diretamente relacionado ao problema de pesquisa, pois revela como os *algoritmos* não apenas moldam as interações digitais, mas também contribuem para a manutenção de estruturas de poder. Em vez de promoverem a inclusão, os *algoritmos* frequentemente reforçam narrativas dominantes, excluindo perspectivas divergentes e limitando o acesso a informações que poderiam desafiar o status quo.

Cathy O’Neil, em *Algoritmos de Destruição em Massa* (2020), reforça essa análise ao explorar como os *algoritmos* frequentemente operam como “caixas-pretas, invisíveis para aqueles que são mais afetados por suas decisões” (O’Neil, 2020, p. 31). Essa opacidade cria uma barreira significativa para a responsabilização e o questionamento dos sistemas, especialmente em áreas como crédito, saúde e segurança. O’Neil alerta que “os modelos matemáticos, ao serem aplicados sem transparência, frequentemente amplificam preconceitos históricos e perpetuam desigualdades” (O’Neil, 2020, p. 34). Isso mostra que os *algoritmos* não apenas moldam a realidade, mas também reproduzem injustiças estruturais que já existem na sociedade.

O’Neil explica que “ferramentas preditivas são frequentemente usadas para estimar a probabilidade de reincidência, mas acabam reforçando ciclos de discriminação, concentrando esforços de policiamento em comunidades já marginalizadas” (O’Neil, 2020, p. 51). Essa prática não só perpetua a exclusão dessas comunidades, mas também ilustra como os *algoritmos* podem intensificar desigualdades, em vez de mitigá-las, contrariando os objetivos originais de justiça e equidade.

A importância da transparência e auditabilidade dos modelos preditivos é enfatizada por O’Neil, que defende a revelação dos dados utilizados e dos resultados das decisões como uma forma fundamental de evitar abusos. Um exemplo disso é a iniciativa voltada para reduzir o desabrigo em Nova York, que visa direcionar recursos a quem realmente precisa de assistência. Contudo, a autora alerta que “esses modelos podem ser perigosos para

comunidades vulneráveis se utilizados de forma punitiva” (O’Neil, 2020, p. 74). Essa observação demonstra que, mesmo com boas intenções, os *algoritmos* podem ter consequências não intencionais, exacerbando desigualdades já preexistentes.

Além disso, O’Neil enfatiza a importância de regulamentar os *algoritmos* para mitigar seus impactos negativos. Segundo ela, “auditorias independentes e transparência são essenciais para garantir que os sistemas operem de maneira ética e justa” (O’Neil, 2020, p. 162). Isso está diretamente ligado à necessidade de repensar os *algoritmos* como ferramentas que devem servir à sociedade, e não apenas a interesses econômicos ou políticos.

Com o papel crescente dos *algoritmos* na sociedade, é essencial considerar suas implicações em diversos contextos, especialmente nas plataformas digitais. Esses sistemas não apenas influenciam nossas escolhas diárias, mas também moldam as interações sociais e culturais, criando novos desafios e oportunidades para as relações humanas.

2.2 Funcionalidade do *Feed Infinito*

No artigo *A Relevância dos Algoritmos*, Tarleton Gillespie (2018) realiza uma análise sobre o papel de protagonismo que os *algoritmos* desempenham no ambiente digital. Uma de suas características principais é a falta de transparência para o público em geral. Eles são projetados para operar automaticamente, sem intervenção humana direta, e essa opacidade frequentemente protege os interesses de quem os controla. As escolhas feitas pelos *algoritmos* como, o que destacar e o que omitir, têm consequências diretas sobre como o mundo é entendido, o que é julgado relevante e como as opiniões são formadas. Isso cria um terreno propício para erros e até manipulação, desafios que também foram enfrentados por outras formas de mídia ao longo da história.

Desde os antigos pregões até os jornais e, mais recentemente, a televisão, sempre houve uma divisão clara entre quem produz ou seleciona a informação e quem a consome. Embora essa divisão persista com os *algoritmos*, o poder agora está concentrado em sistemas cuja lógica de funcionamento é inacessível ao público.

A lógica *algorítmica* é o mecanismo mais recente de controle do conhecimento público. Enquanto editores humanos trazem sua experiência, os *algoritmos* prometem automação e imparcialidade. No entanto, ambos os métodos enfrentam desafios semelhantes: como garantir que as informações selecionadas sejam confiáveis para o público, sem manipulação? Esses sistemas operam com grandes escalas que frequentemente ultrapassam a

capacidade humana de compreensão, tornando a confiança nos *algoritmos* inevitável. Contudo, essa confiança pode cegar a capacidade de reconhecer suas falhas.

Gillespie destaca a promessa da objetividade *algorítmica*, que sugere que a apresentação de informações seria imparcial, baseada em dados objetivos. Na prática, porém, as decisões *algorítmicas* estão repletas de escolhas humanas que influenciam o que é considerado importante. Os ciclos de antecipação são técnicas usadas para prever o comportamento dos usuários com base em dados coletados, moldando suas experiências para aumentar o engajamento. Essa prática pode ser considerada uma forma de manipulação, ao direcionar os usuários para conteúdos que atendem aos interesses comerciais das plataformas.

Além disso, os *algoritmos* utilizam padrões de inclusão que determinam quem é incluído ou excluído, e produzem públicos calculados com base nas preferências anteriores dos usuários. A avaliação de relevância, por sua vez, é baseada em tendências gerais, mas o que é considerado relevante varia de acordo com o contexto individual. Essas práticas fundamentam o funcionamento do *feed* infinito em plataformas como *TikTok* e *Instagram*. O *feed* infinito, exhibe continuamente novos conteúdos à medida que o usuário rola a tela. Ele não possui um fim definido.

Os *algoritmos* analisam grandes volumes de dados, incluindo preferências individuais, histórico de navegação e interações sociais, para personalizar o *feed* e manter os usuários conectados por mais tempo. Essa personalização, no entanto, levanta questões sobre como o *feed* infinito afeta a temporalidade e a percepção dos indivíduos sobre a realidade, principal problema desta pesquisa: Como os *algoritmos* de *feed* infinito estão moldando nossa sociedade, afetando nossa percepção da realidade e influenciando nosso comportamento de maneiras complexas e muitas vezes não totalmente compreendidas?

A natureza rápida e fragmentada do conteúdo pode alterar a percepção do tempo, levando os usuários a perderem a noção enquanto estão imersos. Conforme Hissa (2023, p. 15), quando o *feed* infinito atualiza, “[...] pulamos de um estímulo para outro sucessivamente (e compulsivamente) sem que uma exaustão cognitiva nos impeça de continuar navegando nas mídias sociais por horas”. Este ciclo interminável de estímulos contribui para uma experiência digital que não apenas captura a atenção do usuário, mas também pode levar a uma sobrecarga cognitiva, dificultando a desconexão.

Essa lógica *algorítmica*, que fundamenta o *feed* infinito, dialoga diretamente com os objetivos desta pesquisa. É crucial investigar como a implementação desse recurso impacta o comportamento dos usuários, molda hábitos de consumo e influencia a saúde mental. Por exemplo, a maneira como os usuários são expostos a conteúdos personalizados afeta não

apenas o engajamento, mas também aspectos mais profundos, como ansiedade, desconexão da realidade e busca por validação social. Além disso, ao influenciar a percepção do tempo e a interação constante, o *feed* infinito pode estar redefinindo a maneira como os indivíduos experimentam a realidade e se relacionam com ela.

Embora os *algoritmos* sejam indispensáveis na era digital, suas falhas, por menores que sejam, têm implicações significativas na forma como os usuários percebem o mundo. Conforme Gillespie ressalta, a investigação sociológica dos algoritmos deve continuar revelando seus limites e consequências. A confiança nos *algoritmos* deve vir acompanhada de vigilância constante. Se, por um lado, eles oferecem uma solução tecnológica avançada para lidar com a sobrecarga de informações, por outro, introduzem desafios relacionados à transparência, justiça no acesso ao conhecimento e impactos profundos na percepção do real.

Essa aceleração do conteúdo e a manipulação do tempo de uso nas redes sociais estão diretamente ligadas a um modelo econômico que explora os dados dos usuários. O próximo capítulo mostra como esses aspectos técnicos e sociais se conectam, analisando o impacto da coleta de dados e do capitalismo de vigilância, que molda o comportamento dos usuários e a dinâmica das plataformas digitais.

CAPÍTULO 3 - RELAÇÕES ENTRE ASPECTOS TÉCNICOS E SOCIAIS

3.1 Aceleração do conteúdo e dilatação do tempo de uso

O que as empresas que controlam os algoritmos das redes sociais, como *Instagram* e *TikTok*, ganham ao acelerar o compartilhamento de conteúdo e manter os usuários presos a um consumo excessivo de informações? Em *Big Other: Capitalismo de Vigilância e Perspectivas para uma Civilização da Informação*, Shoshana Zuboff (2018) introduz o conceito de “*Data Exhaust*”, que se refere à quantidade de dados gerados pelos usuários durante suas interações, como curtidas, comentários e compartilhamentos nas plataformas. “Esses dados são adquiridos, tornados abstratos, agregados, analisados, embalados, vendidos, analisados, mais e mais e vendidos novamente” (Zuboff, 2015, p. 15). Essas interações simples são coletadas para gerar lucros, muitas vezes sem que os usuários percebam ou tenham dado consentimento. Uma simples curtida pode se transformar em receita para essas corporações, que tratam esses dados como insumos de mercado, desconsiderando o valor social e humano por trás dessas interações.

Em *Stories e Seus Construtos de Temporalidade: a presentificação de um passado*, de Lorena Risse (2018), examina a construção dos construtos de tempo nas novas mídias, com foco especial no formato *Stories*, popularizado por plataformas como o *Instagram* e o *Snapchat*. Explora como a efemeridade das imagens compartilhadas nesses aplicativos influencia a percepção e experiência do tempo. A análise destaca como as características do formato *Stories*, como a duração limitada da vida útil das imagens e sua exibição por um curto período de tempo, moldam uma nova forma de interação visual e comunicação. Ao disponibilizar conteúdo por apenas 24 horas, essas plataformas incentivam um olhar rápido e ansioso, voltado para o presente e o instantâneo. Esse tipo de aceleração também contribui para o aumento do tempo que os usuários passam nessas plataformas, sempre em busca de novos conteúdos antes que eles expirem.

No caso de redes sociais como *Instagram* e *TikTok*, o processo de aceleração de conteúdo é visível. Os algoritmos de ambas as plataformas trabalham para identificar conteúdos que possam prender a atenção dos usuários e para os quais eles provavelmente podem reagir, interagir e consumir por mais tempo. A aceleração é projetada para que novos conteúdos sejam constantemente apresentados, incentivando o compartilhamento rápido e maximizando a visibilidade. Isso mantém os usuários envolvidos em ciclos de rolagem infinita, muitas vezes perdendo a noção do tempo enquanto consomem vídeos curtos, *stories* e

postagens diversas. Nesse ambiente, o tempo de uso se dilata e quanto mais tempo de engajamento, mais dados são coletados.

Esse tipo de exploração é exemplificado no episódio *Fifteen Million Merits* (15 Milhões de Méritos), da série *Black Mirror*, dirigido por Euros Lyn.¹¹ Lançado em 2011, o episódio mostra uma sociedade distópica em que as pessoas vivem para gerar energia enquanto consomem conteúdo, e suas ações são monitoradas e manipuladas para atender a sistemas que priorizam o lucro em detrimento da autenticidade e da dignidade humana. Bing, o protagonista, e seus outros colegas, pedalam incessantemente para gerar energia e se sustentar, enquanto é continuamente exposto a conteúdos nas telas que o cercam.

Lippold e Faustino (2022) ressaltam que o tempo que os usuários passam nessas plataformas também contribui para a venda de dados. Por isso, muitos aplicativos têm gamificado suas interfaces para aumentar o tempo de uso. “O *big data* se torna ainda maior quanto mais é alimentado pelos próprios ‘usuários’. Quanto maior o tempo em que é usado, maior a quantidade de dados que expropria e maior seu valor no mercado” (Lippold; Faustino, 2022, p. 119). Esse conceito de *big data* está intimamente ligado ao capitalismo de vigilância, que representa uma lógica de acumulação de capital onde os interesses dos indivíduos são secundários, sendo irrelevante o que eles realmente consomem. “O *big data* é, acima de tudo, o componente fundamental de uma nova lógica de acumulação, profundamente intencional e com importantes consequências, que chamo de capitalismo de vigilância” (Zuboff, 2015, p. 7). Assim, O *Big Data* e capitalismo de vigilância se entrelaçam, refletindo uma lógica que busca maximizar lucros por meio da exploração das interações humanas nas redes sociais.

A partir da acumulação primitiva de dados e a psicopolítica, é explorado o capitalismo dos dados dos usuários e analisa como o colonialismo digital que representa a apropriação desigual de dados por grandes corporações, perpetuando dinâmicas históricas de dominação, e a exploração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) estão transformando as dinâmicas sociais e econômicas contemporâneas (Lippold; Faustino, 2023). Fundamenta suas análises em teorias de pensadores como Karl Marx e Frantz Fanon, abordando como a extração de trabalho excedente no capitalismo gera desigualdades globais, especialmente entre países desenvolvidos, além de discutir como a desigualdade digital intensifica as exclusões sociais.

O colonialismo digital é definido como uma “expressão objetiva (e subjetiva) da composição orgânica do capital em seu atual estágio de desenvolvimento, manifestando-se na

¹¹ Fifteen Million Merits (Temporada 1, ep. 2). In: **Black Mirror**. Direção: Euros Lyn. Produção: Charlie Brooker. Netflix, 2011. (62 min.).

dominação econômica, política, social e racial de determinados territórios, grupos ou países, por meio das tecnologias digitais” (Lippold; Faustino, 2022, p. 78), Ele é apresentado como uma nova forma de imperialismo, onde grandes empresas monopolizam o controle dos dados nos países, criando novas dependências. A coleta de dados pode ocorrer sem consentimento, limitando a autonomia das nações periféricas e consolidando a influência das potências globais. Essa coleta algorítmica de informações molda o consumo e as relações de trabalho, refletindo na chamada *uberização*, que impõe condições precárias aos trabalhadores. Muitas vezes, esses profissionais precisam investir em suas próprias ferramentas de trabalho e não possuem seguros para imprevistos, contando apenas com a sorte, “atualmente, estamos assistindo a uma uberização da vida cotidiana por meio da monetização da nossa imagem, cotidianamente capturada por aparelhos cada vez mais presentes em todos os momentos” (Lippold; Faustino, 2022, p. 85). Isso significa que os usuários estão “trabalhando” para essas grandes empresas, perdendo momentos de descanso e lazer, focando apenas no tempo real das redes sociais.

Por sua vez, os usuários também “trabalham” ajudando na mineração de seus próprios dados. A economia da atenção também contribui para a disseminação de *fake news*, que podem se espalhar por meio da chamada auto-comunicação em massa permitindo que conteúdos gerados por usuários alcancem escalas globais, superando até mesmo os portais de mídia tradicionais, como os jornais.

3.2 Personalização do conteúdo

A personalização do conteúdo no Instagram e no *TikTok* é guiada por *algoritmos* projetados para adaptar a experiência de cada usuário, sugerindo conteúdos que têm maior probabilidade de captar sua atenção. Esses *algoritmos* analisam o comportamento dos usuários, incluindo interações passadas como curtidas, comentários, compartilhamentos e tempo de visualização. Dessa forma, o *feed* de cada pessoa é moldado para refletir seus interesses e preferências, proporcionando uma experiência única e cada vez mais precisa à medida que o usuário interage com a plataforma.

No *Instagram*, o *algoritmo* prioriza postagens de amigos, contas seguidas e conteúdos recomendados que estejam alinhados com as preferências individuais. A cada interação, seja uma curtida, um comentário ou até mesmo o tempo de visualização de uma imagem ou vídeo, o *algoritmo* ajusta o *feed* para tornar os conteúdos ainda mais relevantes. No *TikTok*, a personalização é especialmente intensa, com ênfase na página “Para Você” (*For You Page* -

FYP), onde o usuário encontra uma seleção de vídeos que muitas vezes são de contas desconhecidas, mas altamente relevantes. “Quanto maior o engajamento de um usuário em um aplicativo, provavelmente maior será a receita gerada por ele. Baseado nisso, boa parte das empresas possuem mecanismos desenhados para gerar alto nível de engajamento aos seus usuários” (Breitenbach, 2021, p. 43). Esse sistema analisa elementos como o tempo que o usuário passa assistindo a um vídeo, se o repete, comenta ou compartilha, além de temas atuais em alta, para propor novos conteúdos ajustados a essas preferências.

Ambas as plataformas se baseiam em aprendizado contínuo, ajustando suas recomendações para maximizar o engajamento. Contudo, essa intensa personalização pode acarretar efeitos psicológicos e sociais. Ao priorizar conteúdos altamente envolventes, os *algoritmos* podem criar uma bolha de conteúdo, onde o usuário é exposto apenas ao que já gosta, reduzindo sua exposição a visões diferentes. Isso pode reforçar crenças, limitar o senso crítico e até incentivar comportamentos repetitivos, já que o conteúdo mostrado é projetado para ser constantemente agradável e facilmente consumível.

Em *O TikTok como Experiência Formadora de Hábito*, Breitenbach (2021) aprofunda a análise do impacto do *TikTok* no comportamento dos usuários, descrevendo como as interfaces digitais, especialmente as de aplicativos como o *TikTok*, são fundamentais para a formação de hábitos na era da tecnologia móvel. Ele examina o *Hooked Model* (modelo de gancho), de Nir Eyal, que, segundo o autor, “Esse modelo explica a lógica e o racional por trás do *design* de produtos e serviços de sucesso, e é a referência no mercado para a criação de produtos digitais que buscam obter alta retenção e engajamento em seus usuários” (Breitenbach, 2021, p. 43). As plataformas digitais, como o *TikTok*, utilizam gatilhos externos e internos, como notificações e curtidas, para manter os usuários engajados, oferecendo recompensas variáveis e investimento emocional.

Esse modelo revela que o *design* das *interfaces* é projetado para atrair e manter a atenção dos usuários, incentivando um comportamento repetitivo e, muitas vezes, compulsivo. De acordo com Breitenbach, o *TikTok* utiliza elementos do *Hooked Model*, como gatilhos externos e internos que incluem vídeos virais, notificações recomendando novos conteúdos, tédio e até mesmo validação social. A ação de deslizar o dedo para visualizar o próximo conteúdo, que consome pouca energia do usuário, somada à facilidade de criar e compartilhar conteúdos, torna o aplicativo viciante. Além disso, o investimento de tempo e a frequência de postagem contribuem para o crescimento do usuário na plataforma, enquanto as recompensas variáveis, como curtidas e comentários, reforçam o retorno contínuo à

plataforma. Esse conjunto de fatores faz com que o usuário retorne regularmente ao *TikTok* e apresenta características semelhantes no *Instagram*.

Breitenbach argumenta que esses ciclos de interação e o uso de gatilhos frequentes criam um ambiente digital que estimula o retorno frequente dos usuários. As notificações e recompensas inesperadas, que geram excitação e antecipação, promovem o engajamento contínuo, desenvolvendo hábitos e até mesmo dependência em relação à plataforma. Portanto, a personalização do *TikTok* e do *Instagram* vai além de oferecer conteúdos de interesse, integrando técnicas de formação de hábito que incentivam o retorno contínuo dos usuários, moldando comportamentos e reforçando a ligação com o conteúdo digital.

A *interface* do usuário no *TikTok* pode ser comparada à do *Instagram*, revelando semelhanças e diferenças em como essas plataformas digitais envolvem e retêm usuários. Ambas as plataformas priorizam a experiência do usuário, mas cada uma utiliza suas *interfaces* de maneiras distintas para alcançar seus objetivos.

Em *O que está acontecendo aqui? TikTok e a platformização da autenticidade*, de Rauber (2021), discute a importância da *interface* do usuário no contexto de plataformas digitais, com foco no *TikTok*. É destacado que a interface é um componente crítico do sistema, visto que os usuários interagem com a tecnologia principalmente através dela, sem entender os aspectos técnicos subjacentes. “Quando uma *interface* é bem projetada, ela pode se tornar motivadora de uso de suas funcionalidades, pois auxilia diretamente na finalização adequada da atividade pretendida” (Rauber, 2021, p. 80), a *interface* é apresentada como o meio pelo qual os usuários executam ações e acessam informações, sendo determinante para a forma como a plataforma opera, já que uma interface bem projetada pode motivar o uso de suas funcionalidades e facilitar a comunicação do usuário e o sistema.

Rauber (2021) também examina as funcionalidades do *TikTok*, enfatizando a capacidade dos usuários de criar, compartilhar e interagir com vídeos. A análise das telas do aplicativo, ilustra como a interface facilita a interação e o engajamento dos usuários, destacando que a combinação de uma interface amigável, conteúdo interessante e inteligência artificial torna o *TikTok* uma plataforma eficaz em reter usuários, promovendo um ciclo de uso que depende da interação contínua com a *interface*.

No *TikTok*, a *interface* é projetada para a rolagem infinita de vídeos curtos, com um ambiente para consumo de conteúdo que estimula a navegação passiva. Sendo minimalista e intuitivo permite que os usuários se concentrem rapidamente no conteúdo, sem distrações excessivas. O *algoritmo* de recomendação do *TikTok* personaliza a experiência, sugerindo

vídeos que se alinham com os interesses dos usuários, o que potencializa o engajamento e a permanência na plataforma.

Em contraste, o *Instagram* começou como uma plataforma de compartilhamento de fotos e evoluiu para incluir vídeos, *Stories* e *Reels*. Embora a *interface* do *Instagram* também tenha se tornado mais sofisticada ao longo do tempo, seu *design* também é focado na rolagem infinita e na apresentação de uma grade de conteúdos variados, permitindo que os usuários naveguem por postagens de amigos, marcas e criadores de conteúdo. O *Instagram* também utiliza *algoritmos* de recomendação, mas a interação é um pouco mais deliberada, com usuários frequentemente decidindo o que visualizar. Além disso, a plataforma prioriza a estética, com foco em imagens de alta qualidade, o que pode influenciar o comportamento dos usuários de maneira diferente.

Ambas as plataformas incentivam a interação e a comunicação entre os usuários, mas o *TikTok* parece promover uma experiência de consumo de conteúdo mais passiva e contínua, enquanto o *Instagram*, busca manter uma essência visual, pode encorajar interações mais ativas e conscientes, como comentários e compartilhamentos. As duas plataformas utilizam suas *interfaces* para moldar como os usuários interagem com o conteúdo e entre si, mostrando como o *design* da *interface* é fundamental para o sucesso das plataformas digitais no engajamento de suas audiências. Para ilustrar essas dinâmicas, seguem abaixo imagens representativas de cada rede social.

3.2.1 Estrutura e Funcionalidades da interface do *Instagram*

A Figura 2 apresenta o *feed* principal do *Instagram*, um dos recursos centrais da plataforma. Na borda superior, os usuários encontram os *Stories*, onde podem visualizar conteúdos temporários das contas que seguem e interagir rapidamente com elas. Os círculos de perfil representam esses *Stories*, e quando há um novo *Story*, o contorno colorido indica que ainda não foi visualizado. O primeiro círculo, “*Seu Story*”, permite ao usuário postar seu próprio conteúdo temporário, incentivando a criação rápida e o compartilhamento. Ao lado dos *Stories*, encontram-se ícones que representam funcionalidades adicionais, como o botão de adicionar conteúdo, o ícone de notificações e o acesso às mensagens diretas. Esses elementos facilitam a navegação e aumentam a interação.

Figura 2 - Feed Principal (Instagram)



Fonte: G1 (2022).¹²

No centro da tela, possui o *feed* principal, onde aparecem as postagens das contas seguidas, em um formato contínuo e otimizado para maximizar o engajamento. Diferentemente do *TikTok*, o *Instagram* organiza seu conteúdo de forma mais deliberada, mas ainda assim oferece um *feed* projetado para ser infinito, incentivando a rolagem contínua e aumentando o tempo de permanência. As postagens exibem o nome de usuário no topo, seguido pela mídia (foto ou vídeo) ocupando a maior parte da tela, reforçando o foco visual da plataforma. Abaixo da imagem, tem uma legenda gerada manualmente pelo usuário.

Na parte inferior, estão dispostos ícones que permitem acesso a outras funcionalidades importantes. O ícone de casa leva de volta ao *feed* principal, facilitando a navegação para a tela inicial. O ícone de busca redireciona para a aba Explorar. O ícone de *Reels* destaca a importância dos vídeos curtos, competindo diretamente com o formato popularizado pelo

¹² G1. Instagram: conheça e explore os recursos mais recentes lançados pelo aplicativo. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/05/21/instagram-conheca-e-explore-os-recursos-mais-recentes-lancados-pelo-aplicativo.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TikTok, e incentivando o consumo de vídeos dinâmicos. Em algumas versões, o ícone de *Marketplace* aparece, permitindo que o usuário explore e compre produtos diretamente na plataforma, integrando uma experiência de *e-commerce*. Por fim, o ícone de perfil oferece acesso rápido às informações pessoais do usuário, suas postagens, *Stories*, e configurações da conta.

Além disso, ao lado da imagem das postagens, existem botões de interação, como Curtir (coração), Comentar (balão de diálogo) e Compartilhar (avião de papel). Essas opções promovem uma interação constante com o conteúdo, oferecendo feedback imediato ao usuário, como animações de curtidas, reforçando o engajamento. O ícone de salvar permite que o usuário guarde postagens em uma coleção privada, facilitando o acesso futuro e personalizando a experiência.

Figura 3 - Função *Stories* (*Instagram*)



Fonte: Instagram (s/d).¹³

A Figura 3 mostra um usuário visualizando um *Story*, que ocupa quase toda a tela do dispositivo, proporcionando uma experiência de imersão completa. No topo da tela, uma pequena barra horizontal indica o progresso do *Story*, exibindo um indicador visual de quanto tempo resta para aquele trecho ser concluído. Se houver múltiplos *Stories* da mesma pessoa

¹³ INSTAGRAM. Sobre o Instagram | Capte, crie e compartilhe o que você ama. **Instagram**, s/d. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br>. Acesso em: 10 nov. 2024.

ou conta, várias barras aparecem lado a lado, mostrando o progresso sequencial, incentivando o usuário a assistir toda a sequência.

O *Story* em exibição apresenta uma pessoa realizando um movimento dinâmico, algo comum nesse formato, pois os *Stories* costumam incluir vídeos curtos e espontâneos, capturando momentos do dia a dia. Esse recurso incentiva a criação de conteúdos autênticos e menos editados, diferenciando-se das postagens tradicionais do *feed*.

Na parte inferior, há um campo para enviar uma mensagem, permitindo ao usuário responder diretamente ao *Story*, o que facilita a interação e a comunicação direta com o criador do conteúdo. Ao lado desse campo, possui um ícone de coração, permitindo que o usuário reaja ao *Story* com uma curtida rápida, promovendo uma resposta instantânea e engajamento com o conteúdo.

Os *Stories* do *Instagram* são projetados para serem visualizados de forma rápida e contínua, com os usuários avançando para o próximo *Story* com um simples toque na tela ou deslizando o dedo. Esse formato, focado em interações rápidas e temporárias, reforça a sensação de urgência e a necessidade de consumir o conteúdo antes que ele desapareça após 24 horas. Conforme destacado pelo próprio *Instagram*, “Confira stories e vídeos ao vivo de pessoas de quem você gosta” (*Instagram*, s/d), devido à natureza temporária, os *Stories* oferecem aos criadores um espaço para compartilhar momentos mais casuais e autênticos, criando uma conexão mais pessoal com seus seguidores.

Figura 4 - Funções de Pesquisar e *Explorar* (*Instagram*)



Fonte: *Instagram* (s/d).¹⁴

¹⁴ INSTAGRAM. Sobre o Instagram | Capte, crie e compartilhe o que você ama. **Instagram**, s/d. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br>. Acesso em: 10 nov. 2024.

A imagem acima (Figura 4) apresenta a tela da aba “Explorar” do *Instagram*. Nessa sessão, o usuário encontra uma barra de pesquisa no topo, onde pode digitar palavras-chave para procurar conteúdo específico, como contas, *hashtags*, lugares e até mesmo áudio. Abaixo da barra de pesquisa, estão mídias mais direcionadas e organizadas pelos tipos de conteúdo que o usuário deseja explorar e que os *algoritmos* entregam por considerar mais relevantes. Na tela de “explorar”, é exibida uma grade de imagens e vídeos com temas variados, baseados nas preferências e interações anteriores de cada usuário.

Essa seleção é feita pelo *algoritmo* do *Instagram*, que analisa os interesses, curtidas, comentários e outros comportamentos do usuário na plataforma, oferecendo uma experiência de descoberta de novos conteúdos e perfis. A própria plataforma enfatiza esse objetivo, “Descubra conteúdo e criadores de conteúdo com base nos seus interesses” (Instagram. s/d). A funcionalidade de “Explorar” tem grande importância no engajamento dos usuários, pois apresenta a eles novos tópicos e criadores que podem ser interessantes, incentivando a interação e aumentando o tempo de permanência na plataforma. Isso também permite que criadores de conteúdo ganhem mais visibilidade e alcancem novos públicos, contribuindo para o crescimento de suas contas e aumentando o engajamento de suas postagens.

Figura 5 - Função Reels (Instagram)



Fonte: Instagram (s/d)¹⁵.

¹⁵INSTAGRAM. Sobre o Instagram | Capte, crie e compartilhe o que você ama. **Instagram**, s/d. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br>. Acesso em: 10 nov. 2024.

A imagem acima (Figura 5) é a aba *Reels* do Instagram, que é uma funcionalidade que se assemelha bastante ao formato do *TikTok*, oferecendo uma experiência de *feed* infinito, onde o usuário pode deslizar continuamente por vídeos curtos de diferentes criadores. “Crie, compartilhe e assista a vídeos curtos e divertidos no Instagram” (Instagram, s/d). A duração dos vídeos é de 90 segundos a vídeos mais longos com mais tempo para incentivar a criatividade. A navegação é contínua e, ao terminar um vídeo, o próximo é reproduzido, exibindo conteúdos de outros usuários, mesmo daqueles que o usuário não segue. Influenciando a descoberta de novos criadores e temas.

A mistura de elementos visuais é típica dos *Reels*, a fim de promover tendências, performances e vídeos cômicos. A interface mostra o ícone de *Reels* no topo, confirmando que o usuário está na aba dedicada a esses vídeos. Na tela, há ícones de curtida, comentário e compartilhamento, além da legenda e do nome de usuário, proporcionando fácil interação e identificação do autor do vídeo. Também tem o ícone para *remix*, que incentiva a criação de vídeos colaborativos, o que aumenta o engajamento e a viralização de tendências. Assim como no *TikTok*, o foco dos *Reels* é uma experiência imersiva, onde os vídeos aparecem em tela cheia, promovendo uma dinâmica personalizada com base nos interesses do usuário, criando um ambiente propício para descobertas contínuas.

3.2.2 Análise das Funcionalidades e Interface do *TikTok*

A Figura 6 a seguir, é a tela “Para você” do *TikTok*, que possui vários elementos importantes para a experiência de usuário. Na parte superior da tela, há uma barra de navegação com opções como explorar, seguindo e para você, permitindo uma transição rápida entre diferentes telas do aplicativo. A tela “Para você” é o foco principal, exibindo vídeos selecionados pelo algoritmo com base nos interesses do usuário, com uma experiência personalizada.

No centro da tela, o vídeo em reprodução ocupa quase todo o espaço, destacando o conteúdo principal. No lado direito, vemos um conjunto de ícones verticais que inclui opções: curtir (ícone de coração), comentar (balão de fala), compartilhar (seta) e um ícone para adicionar aos favoritos. Esses elementos incentivam o engajamento direto dos usuários, proporcionando uma experiência interativa. O número de curtidas, comentários e compartilhamentos também estão visíveis, o que indica a popularidade do vídeo.

Figura 6 - Função “Para Você” (TikTok)



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Na parte inferior da tela, encontramos detalhes como a descrição do vídeo, *hashtags* usadas e o nome do criador de conteúdo, além do áudio usado, áudio que costuma estar viralizado no momento. Essas informações ajudam a contextualizar o vídeo e a aumentar sua visibilidade através de *hashtags*.

No rodapé, a barra de navegação apresenta ícones para início, amigos, mais, para gravar vídeos, caixa de entrada, e perfil. A funcionalidade “gravar vídeos” está destacada no centro, incentivando os usuários a criarem seu próprio conteúdo.

O *TikTok* explica, “Quando uma pessoa abre o TikTok e acessar o feed #ParaVocê, ela recebe um fluxo de vídeos com curadoria de seus possíveis interesses, facilitando assim a localização de conteúdo e criadores de sua preferência” (TikTok, 2020). Este mecanismo de recomendação é central para a experiência do *TikTok*, permitindo que vídeos de diferentes criadores sejam sugeridos ao usuário, mesmo que ele não os siga, aumentando a descoberta de novos conteúdos e criadores.

A interface oferece um design limpo e intuitivo, favorecendo a navegação e a interatividade, o que explica a popularidade da plataforma e sua capacidade de engajar milhões de usuários ao redor do mundo diariamente.

Figura 7 - Função “Seguindo” (*TikTok*)



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

A imagem acima (Figura 7) apresenta a tela “Seguindo” do *TikTok*, o seu objetivo é apresentar vídeos dos criadores que o usuário escolheu acompanhar. Diferente do *feed*, “para você”, exibe conteúdos variados de diversos usuários, o *feed* seguindo tem uma experiência baseada nas escolhas prévias do usuário, mostrando apenas vídeos de perfis seguidos, proporciona uma experiência de navegação mais direcionada e pessoal.

A tela apresenta, na parte superior, a barra de navegação. Nesse caso, a aba seguindo está destacada e sublinhada, indicando que o usuário está consumindo conteúdos dos perfis que segue. Um diferencial desta tela é a presença de *stories* dos criadores seguidos, visível logo abaixo da barra de navegação. Na imagem (Figura 7), é possível observar a indicação de 2 *stories*, sugerindo que há atualizações recentes de criadores seguidos. Essa funcionalidade é similar ao que se vê em outras redes sociais, como *Instagram*, oferecendo conteúdos curtos e

efêmeros que desaparecem em 24 horas, permitindo uma interação rápida e mais pessoal com os criadores. Porém, esse recurso não é tão utilizado.

Nessa tela também possui os ícones de interação no lado direito da tela, esses elementos de interação são consistentes em ambas as abas seguindo e para você, o que mantém a navegação intuitiva e facilita o uso da plataforma. Também possui a barra inferior da tela, com os ícones padrões de navegação. Essa barra permite ao usuário acessar rapidamente outras funcionalidades do aplicativo, como a criação de conteúdo e a visualização de notificações.

É importante destacar a diferenciação entre as duas telas. A tela seguindo complementa a experiência de descoberta oferecida pela aba para você. Enquanto na tela para você, o *TikTok* utiliza *algoritmos* para oferecer um fluxo de vídeos que se alinham aos interesses do usuário, mostrando conteúdos de criadores que ele ainda não segue, a aba seguindo proporciona uma experiência mais focada, mostrando apenas conteúdos dos criadores que o usuário já escolheu seguir e ambas as telas são infinitas, nunca chegam ao fim. Essa abordagem personalizada contribui para o alto nível de engajamento dos usuários na plataforma, mantendo-os conectados e interessados tanto em descobrir novos conteúdos quanto em acompanhar seus criadores favoritos.

Figura 8 - Função “Explorar” (*TikTok*)



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

A imagem acima (Figura 8) é a tela “Explorar” do *TikTok*, possui *layouts* que visam facilitar a descoberta de novos conteúdos, apresentando um formato de grade visual que exhibe diversas fotos organizadas em pequenos blocos. Ao contrário das telas “seguindo” e “para você”, onde os vídeos são o foco principal, a aba explorar oferece uma experiência visual composta por imagens que podem ser arrastadas horizontalmente. O ícone de paisagem presente nas miniaturas indica que esses blocos contêm múltiplas fotos, permitindo ao usuário deslizar para visualizar uma sequência de imagens sobre o mesmo tema ou postagem.

O topo do aplicativo mantém a barra de navegação, facilitando a transição entre diferentes seções do aplicativo. O ícone de lupa, posicionado no canto superior direito, permite que o usuário faça pesquisas utilizando *hashtags*, áudios ou perfis de criadores.

As miniaturas apresentam informações importantes, como a legenda das imagens, *hashtags* utilizadas e o número de curtidas. Cada conjunto de fotos pode ser complementado por um áudio de fundo, que adiciona uma camada de engajamento à experiência de visualização. Essa combinação de elementos visuais e sonoros, junto com a possibilidade de deslizar lateralmente pelas imagens, oferece uma forma dinâmica de explorar o conteúdo.

Essa estratégia visa incentivar o uso de imagens, expandindo o conteúdo além dos tradicionais vídeos aos quais os usuários já estão acostumados. O que está aparecendo para o usuário são conteúdos do tipo que ele já costuma ver, utilizando *algoritmos* que priorizam a exibição de imagens e fotos que correspondem aos interesses e padrões de consumo do usuário. Ao introduzir uma experiência visual mais abrangente, que permite a navegação por múltiplas fotos em uma mesma postagem, o *TikTok* busca diversificar a interação dos usuários e promover a criação de conteúdo estático, complementando o consumo de vídeos.

Figura 9 - Função “Pesquisar” (*TikTok*)



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Na imagem acima, temos a interface da tela de pesquisa do *TikTok*. Ela apresenta uma barra de busca na parte superior, onde o usuário pode inserir palavras-chave, *hashtags*, nomes de usuários e áudios de interesse. A barra de busca possui um ícone de microfone ao lado, permitindo pesquisas por comando de voz, uma funcionalidade que facilita o uso para pessoas que preferem agilidade ao falar ao invés de digitar.

Abaixo da barra de busca, são mostradas as pesquisas recentes realizadas pelo usuário. Esses itens podem ser removidos individualmente com o ícone de “X”, ao lado de cada palavra-chave, permitindo limpar o histórico de forma seletiva. Além disso, o botão “ver mais”, oferece uma expansão para visualizar mais termos de pesquisas anteriores, caso o usuário deseje revisitar suas buscas anteriores.

A seção “você pode gostar”, apresenta recomendações personalizadas de pesquisas, com base nos interesses e hábitos de visualização do usuário. Essa lista de sugestões pode ser atualizada manualmente clicando em atualizar. Essas recomendações são baseadas em

conteúdos que o usuário já visualizou ou em tendências que podem ser de interesse, proporcionando uma experiência mais direcionada e customizada.

A parte inferior da tela é dedicada às pesquisas populares, exibindo tópicos que estão em alta naquele momento. Os itens marcados com um ícone de seta para cima indicam tendências em crescimento, mostrando temas que estão ganhando popularidade rapidamente. O *layout* da tela de pesquisa do *TikTok* é pensado para facilitar o acesso a conteúdos relevantes e em alta, combinando uma experiência personalizada (com base nas pesquisas anteriores do usuário) e um destaque nas tendências populares da plataforma. Reflete uma estratégia de retenção de usuários, estimulando-os a explorar mais conteúdos ao apresentar opções de pesquisa que se alinham com seus interesses e com o que está sendo mais consumido no momento.

3.3 Superconexão: a vida *on-line* em tempo integral

A superconexão é marcada pela experiência de estar continuamente ligado ao mundo digital, participando de uma vida *on-line* em tempo integral. As plataformas *Instagram* e *TikTok*, são exemplos de como a tecnologia moldou essa nova realidade, transformando a maneira como os usuários interagem, consomem conteúdo e se relacionam socialmente.

Em *No Enxame*, Byung-Chul Han (2018) descreve uma transição da “Era das Massas” para o “enxame digital”. Enquanto antigamente as massas se reuniam fisicamente, formando um coletivo unificado, com alguns propósitos em comum, atualmente evoluiu para uma forma de conexão virtual, fragmentada e volátil, típica da era digital. O enxame digital é composto por indivíduos singularizados, que interagem nas redes de forma dispersa, sem desenvolver um sentimento de identidade coletiva. “O enxame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma alma [*Seele*], nenhum espírito [*Geist*]. A alma é aglomerante e unificante” (Han, 2018, p. 12). Esse comportamento, desagregado e temporário, é frequentemente observado em ambientes como o *Instagram* e o *TikTok*. Nessas plataformas, a comunicação e o engajamento não criam uma verdadeira unidade coletiva, mas sim uma série de interações isoladas, onde cada usuário busca atenção e validação para si. Os usuários compartilham conteúdo de forma individual, otimizando seus perfis para maximizar curtidas, visualizações e seguidores, competindo por visibilidade.

Em *Hiperconectividade e Exaustão*, de Pedro Colli Badino de Souza Leite (2022), explora como a hiperconectividade contemporânea impacta na vida psíquica e social dos usuários. Grandes empresas de tecnologia utilizam *big data* e inteligência artificial para

capturar e simbolizar aspectos inconscientes da mente humana. Essa coleta de dados massiva, conhecida como capitalismo de vigilância, visa prever e influenciar comportamentos humanos para benefício econômico e político. Como aponta Leite, “vivemos numa sociedade da informação onde a maioria de nossas ações no mundo virtual, ou no mundo físico infiltrado pela computação ubíqua, são traduzidas em dados digitais” (Leite, 2022, p. 5). Cada interação digital se transforma em dados, alimentando os *algoritmos* e tornando os usuários participantes involuntários dessa economia.

O *Instagram* é uma plataforma multimídia que possui recursos como *Stories*, *Reels* e Fotos, que incentivam os usuários a compartilhar momentos em tempo real promovendo uma atualização constante sobre suas vidas. Esse ciclo de compartilhamento instantâneo cria uma sensação de conexão contínua, onde as pessoas estão sempre acompanhando as atividades umas das outras. Já o *TikTok*, com seu formato de vídeos curtos, oferece um fluxo interminável de conteúdo que se adapta aos interesses individuais dos usuários. O *design* do *feed infinito* tanto no *TikTok* quanto no *Instagram* faz com que seja difícil parar de consumir vídeos, mantendo os usuários engajados por longos períodos e contribuindo para a sensação de estar sempre conectado.

Essas redes sociais não apenas ilustram a superconexão, mas também exemplificam o capitalismo de vigilância, onde dados pessoais se tornam matéria-prima para empresas de tecnologia manipularem e prever comportamentos, impactando a maneira como os indivíduos se relacionam com o conteúdo e entre si. Nesse contexto, “hoje, viver em hiperconexão significa viver numa casa transparente” (Leite, 2022, p. 5). Eliminando a privacidade, tornando vidas acessíveis e expostas a observação constante.

A superconexão, no entanto, não é apenas uma questão de passar mais tempo *on-line*. Ela também altera a forma como vivenciamos o cotidiano e interagimos com o mundo físico. Muitas vezes, momentos que poderiam ser desfrutados plenamente são interrompidos pelo impulso de registrar e compartilhar nas redes sociais. A busca por validação, através de *likes*, comentários e visualizações, leva os usuários a se compararem constantemente com os outros, o que pode gerar sentimentos de ansiedade, baixa autoestima e o medo de perder algo importante. Esse ciclo de comparação social é intensificado pelas vidas aparentemente perfeitas exibidas nas redes, onde as pessoas tendem a mostrar apenas seus melhores momentos.

Ao buscar constantemente a idealização retratada nas imagens, arrisca-se perder contato com a realidade e tornar-se cada vez mais distante dela. Isso pode levar a uma espécie de “síndrome de Paris” (Han, 2018), onde a diferença entre a idealização e a realidade pode

causar distúrbios psicológicos. Este fenômeno se torna especialmente preocupante ao considerarmos a influência dos *algoritmos*, que perpetuam a exposição constante a essas idealizações. Como Leite observa, “a hiperconectividade nos oferece dados sobre tudo, mas também nos invade e nos pressiona a produzir dados a respeito de tudo o que somos. A exorbitante massa de informações é sem precedente na história humana, e alimenta algoritmos de alto poder computacional” (Leite, 2022, p. 11). A coleta incessante de dados não só captura o comportamento, mas também incentiva a fornecer mais informações, criando um ciclo que sempre sustenta o poder dos *algoritmos*.

Os *algoritmos* dessas plataformas são projetados para maximizar o tempo de permanência dos usuários, apresentando conteúdo personalizado que parece ser feito sob medida para cada pessoa. No *Instagram* e no *TikTok*, o *feed* é atualizado constantemente com base nas interações dos usuários, criando um fluxo contínuo de estímulos. Isso resulta em um comportamento de consumo passivo, onde o usuário é levado a passar mais tempo navegando sem perceber o quanto realmente está conectado. “Se vivemos num mundo onde toda nossa vida é pesquisável, e nossos desejos, compreendidos, vivemos então num novo tipo de panóptico” (Leite, 2022, p. 16). Todos os aspectos das vidas dos usuários podem ser observados e analisados, os tornando reféns da hiperconectividade, e eles mesmo se colocaram nesse papel.

Essa hiperconectividade, embora ofereça uma sensação de proximidade e entretenimento, também tem consequências negativas para a saúde mental e para as relações interpessoais. Como destaca Leite, “o sistema é pautado pelo cinismo. Tanto faz se salvamos ou executamos uma vida humana. O que importa mesmo é que haja conexão entre pessoas para que os dados continuem a fluir pelos largos canos do panóptico” (Leite, 2022, p. 17). Há uma indiferença das plataformas em relação ao seus impactos, o importante para essas empresas é o engajamento e os dados que os usuários geram, reforçando a natureza exploratória do capitalismo de vigilância.

Portanto, embora *Instagram* e *TikTok* tenham transformado as redes sociais em espaços vibrantes e envolventes, estar constantemente conectado pode gerar a sensação de não perder nada, mas também pode desconectar seus usuários da realidade ao redor. O próprio Bill Gates, dono da *Microsoft*, que, apesar de ser uma figura de grande destaque no mundo digital, adotou uma abordagem cuidadosa em relação ao uso de tecnologia. Preocupado com os efeitos sobre a saúde mental e física, ele decidiu que seus filhos, agora adultos, só poderiam ter acesso a dispositivos móveis após os 14 anos. A principal preocupação de Gates era o impacto do uso excessivo, especialmente antes de dormir (Movimento PB, 2024) Por isso, é

importante adotar práticas conscientes, como limitar o tempo de uso, fazer pausas digitais e valorizar momentos fora das telas. Em muitos dispositivos móveis, já existe a opção de limitar o tempo de uso de aplicativos, permitindo que o próprio usuário defina um tempo máximo de tela por dia. No *iOS*, o sistema operacional móvel da marca de aparelhos *Apple Inc.*, basta acessar a seção “Tempo de Uso” nas configurações para ajustar esses limites. No *Android*, o sistema operacional da marca de aparelhos *Samsung*, a funcionalidade é encontrada em “Temporizadores de Aplicativos”, onde é possível definir quanto tempo pode ser gasto em cada app diariamente. Essas ferramentas são uma estratégia que pode contribuir para controlar a superconexão às redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou o impacto dos *algoritmos* de *feed* infinito em redes sociais como *Instagram* e *TikTok*, destacando sua influência na temporalidade, saúde mental e comportamento humano. Essas plataformas têm moldado a sociedade contemporânea, afetando a percepção de realidade dos usuários. Embora promovam conectividade e acesso à informação, operam com base em um modelo de negócios centrado na coleta massiva de dados e manipulação *algorítmica*, o que gera sérias consequências psicológicas e sociais. Cada capítulo abordou aspectos específicos dessa problemática central, como a arquitetura *algorítmica* dessas plataformas fomenta hábitos prejudiciais enquanto sustenta um modelo econômico focado no engajamento contínuo e na monetização de dados.

No primeiro capítulo, foi explorada a evolução das redes sociais, inicialmente criadas para conectar pessoas e comunidades. Entretanto, funcionalidades como o *feed* infinito e recomendações personalizadas passaram a priorizar a retenção do usuário, promovendo ansiedade, dependência e comparações sociais. Nesse ambiente, a validação externa e a hiperconectividade se tornam centrais. Uma solução proposta é a educação digital, conscientizando os usuários sobre os processos invisíveis que sustentam essas plataformas. Isso permitiria compreender que a interação contínua não é inofensiva, mas parte de um mecanismo voltado à coleta e comercialização de dados pessoais. Campanhas educativas podem auxiliar os usuários a reconhecerem seu papel como produto e tomarem decisões mais informadas, evitando ciclos viciantes e identificando manipulações.

O segundo capítulo examinou os aspectos técnicos dos *algoritmos*, com ênfase no *feed* infinito e na personalização de conteúdo. Esses mecanismos, embora adaptem a experiência às preferências individuais, reforçam bolhas sociais, incentivam vício e criam desconexão com a realidade. O *feed* infinito prolonga o tempo de uso, moldando comportamentos para maximizar o engajamento. Essa lógica, impulsionada pela coleta de dados, prioriza o lucro em detrimento do bem-estar dos usuários. Como alternativa, são necessárias regulamentações éticas e transparência nos *algoritmos*, com auditorias independentes que limitem práticas manipulativas, indo além da aceitação superficial de termos de uso.

O terceiro capítulo correlacionou aspectos técnicos às consequências sociais, destacando como o modelo de negócios das redes sociais está inserido no capitalismo de vigilância. Empresas exploram dados para lucro, usando gatilhos psicológicos que incentivam comportamentos compulsivos e dependência. Essa dinâmica afeta diretamente a saúde mental dos usuários.

A solução apresentada para enfrentar essa problemática combina educação digital, mudanças nos modelos de negócios das plataformas e maior responsabilidade ética dos desenvolvedores. É muito importante promover a autonomia dos usuários, permitindo que identifiquem os impactos negativos do uso excessivo e adotem medidas como desativar notificações e diversificar o consumo de conteúdo. Retomar interações presenciais e práticas de atenção plena pode ajudar a reequilibrar a relação com a tecnologia. Por outro lado, empresas devem ser incentivadas a adotar modelos de negócios mais éticos, enquanto políticas públicas devem limitar a coleta indiscriminada de dados e estimular o desenvolvimento de tecnologias que priorizem o bem-estar dos usuários.

Além disso, é essencial fomentar o debate público sobre os *algoritmos* e criticar práticas das redes sociais. Desenvolvedores, como agentes ativos, devem assumir um compromisso ético ao projetar sistemas que respeitem a privacidade e a autonomia dos usuários, em vez de focar apenas no lucro. *Algoritmos* podem ser ajustados para priorizar conteúdos informativos, reduzindo a polarização e a desinformação. *Feeds* personalizáveis poderiam oferecer maior controle aos usuários sobre suas experiências.

Portanto, a crítica, reflete um desejo de mudança e progresso. Assim como a sociedade evoluiu em questões como a eliminação de produtos nocivos, é possível pressionar por redes sociais mais éticas e humanas. Essas plataformas devem se reconfigurar para promover conexões genuínas, aprendizado e entretenimento saudável, em vez de servirem como ferramentas de manipulação e exploração. A mudança requer esforços conjuntos de usuários, desenvolvedores, empresas e governos, visando um futuro digital mais ético, humano e sustentável.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA GERAL

- BEZERRA, Leonardo Mendes. RESENHA: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 5, n. 17, p. e13200, 31 Dez 2019 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/13200>. Acesso em: 8 dez. 2024.
- BHARGAVA, Aditya Y. **Entendendo Algoritmos**: Um guia ilustrado para programadores e outros curiosos. São Paulo: Editora Novatec, 2017.
- BREITENBACH, Daniel Bueno. **O TikTok como experiência formadora de hábitos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Publicidade e Propaganda) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo/RS, 2021.
- DU MONT, Louise Gabrielle *et al.* O impacto do uso das redes sociais no nível de ansiedade. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 12, p. e3122418, 2022. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2418>. Acesso em: 6 jul. 2024.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.
- GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr., 2018.
- HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: Perspectivas do digital. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.
- HISSA, Débora Liberato Arruda. O design multimodal do Instagram: da barra de rolagem infinita à organicidade algoritmizada do feed de notícias. **Revista Intersaberes**, v. 18, p. e023do1009, pp. 01-21, 2023. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2496>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- LEITE, Pedro Colli Badino de Souza. Hiperconectividade e exaustão. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 55, n. 102, p. 127-147, jun. 2022. Disponível em <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v55n102/v55n102a09.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011.
- LIPPOLD, W.; FAUSTINO, D. Colonialismo digital, racismo e acumulação primitiva de dados. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 14, n. 2, p. 56–78, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/49760>. Acesso em: 8 dez. 2024.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia**. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

RAUBER, Luiz Henrique. **O que está acontecendo aqui? TikTok e a plataformização da autenticidade a partir da teoria fundamentada**. Tese (Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS, 2021.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RÜSEN, Jörn. Metodologias – regras da pesquisa histórica. *In: Reconstrução do Passado*. Tradução: Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. p. 101-168.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes Sociais: Trajetórias e Fronteiras. *In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Leandro Lima da (Org.). Redes, Sociedades e Territórios*. 3. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 31-52.

ZUBOFF, Shoshana. BIG OTHER: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. *In: BRUNO, Fernanda et al. (Org.). Tecnopolíticas da Vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

SITES ELETRÔNICOS

ADAMI, Anna. Redes Sociais. **InfoEscola**, s/d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/redes-sociais-2>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ANTOÑANZAS, Miguel Ángel. Entenda como funciona o algoritmo que faz Shakira ser rainha viral no TikTok. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/entenda-como-funciona-algoritmo-que-faz-shakira-ser-rainha-viral-no-tiktok/>. Acesso em: 20 set. 2024.

BYTEDANCE. History of ByteDance. ByteDance. Disponível em: https://www.bytedance.com/?enter_method=bottom_navigationhttps://canaltech.com.br/empresa/tiktok/. Acesso em: 20 set. 2024.

CANALTECH. TikTok. **CanalTech**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/tiktok/>. Acesso em: 19 set. 2024.

CORREIO DO POVO. Brasil é o terceiro país com mais usuários ativos do TikTok no mundo. **Correio do Povo**, 28 abr. 2024. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/jornal-com-tecnologia/brasil-%C3%A9-o-terceiro-pa%C3%ADs-com-mais-usu%C3%A1rios-ativos-do-tiktok-no-mundo-veja-ranking-1.1488377>. Acesso em: 21 set. 2024.

DOCKHORN, Vanessa. O que é a bolha social e como ela pode impactar na minha vida?. **Psicologia Dockhorn**, 5 ago. 2019. Disponível em:

<https://psicologiadockhorn.com/blog/o-que-e-a-bolha-social-e-como-ela-pode-impactar-na-mi-nha-vida/>. Acesso em: 15 nov. 2024

DURÃES, Wesley. TikTok foi banido dos EUA? Entenda lei que foi aprovada. **Uol**, 24 abril 2024. Disponível em:
<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/04/24/tiktok-foi-banido-dos-eu-a-entenda-lei-que-foi-aprovada.htm>. Acesso em: 21 set. 2024.

G1. TikTok tenta nova estratégia para não ser banido nos EUA. **G1**, 16 ago. 2024. Disponível em:
<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/08/16/tiktok-muda-estrategia-para-nao-ser-banid-o-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2024

GOGONI, Ronaldo. Por que o Musical.ly mudou de nome para TikTok? **Tecnoblog.net**, 2019. Disponível em:
<https://tecnoblog.net/responde/por-que-o-musical-ly-mudou-de-nome-para-tiktok/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

INVESTNEWS. A rápida ascensão do Instagram a ‘indústria’ de cliques e celebridades. **Investnews**, 9 jan. 2024. Disponível em:
<https://investnews.com.br/negocios/historia-do-instagram/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

MOSSERI, Adam. Classificação no Instagram explicada. **Blog do Instagram**, 31 maio. 2023. Disponível em:
<https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/instagram-ranking-explained/>. Acesso em: 16 set. 2024.

MOVIMENTO PB. Bill Gates Opina Sobre a Idade Ideal para Crianças Terem Celular. **Movimento PB**, 07 nov. 2024. Disponível em:
<https://movimentopb.com.br/2024/04/11/bill-gates-opina-sobre-a-idade-ideal-para-criancas-terem-celular/>. Acesso em: 08 nov. 2024

TIKTOK. Sobre o TikTok. **TikTok**. Disponível em:
<https://www.tiktok.com/about?lang=pt-BR>. Acesso em: 20 set. 2024.

FILMOGRÁFICAS

Fifteen Million Merits (Temporada 1, ep. 2). *In: Black Mirror*. Direção: Euros Lyn. Produção: Charlie Brooker. Netflix, 2011. (62 min.).

ICONOGRAFIAS

BASTOS, Victor. Qual é a primeira foto da história do Instagram? Conheça marco do app. **Techtudo**, 24 fev. 2024. Disponível em:

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2024/02/qual-e-a-primeira-foto-da-historia-do-instagram-conheca-marco-do-app-edapps.ghtml>. Acesso em: 24 fev. 2024

G1. Instagram: conheça e explore os recursos mais recentes lançados pelo aplicativo. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/05/21/instagram-conheca-e-explore-os-recursos-mais-recentes-lancados-pelo-aplicativo.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2024.

INSTAGRAM. Sobre o Instagram | Capte, crie e compartilhe o que você ama. **Instagram**, s/d. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br>. Acesso em: 10 nov. 2024.

VERBETES DE DICIONÁRIO

CLAUSTER. *In*: WIKIPÉDIA. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cluster>. Acesso em: 08 dez. 2024.

OFFLINE. *In*: Dicionário, Oxford Languages. Google, s/d. Disponível em: https://www.oed.com/dictionary/offline_adj?tab=factsheet#33868663. Acesso em: 21 nov. 2024

ONLINE. *In*: Dicionário, Oxford Languages. Google, s/d. Disponível em: https://www.oed.com/dictionary/online_adj?tab=factsheet#33577951. Acesso em: 21 nov. 2024